

## **É POR ISSO QUE TE CHAMAM DE PROFESSORA DE ARTES?**

Um estudo sobre as artes como fundamento na formação da professora de ensino infantil e fundamental.

**Aluna: Juliana Aico Moraes Fujishiro**  
**Programa: Institucional Feusp**  
Orientador: Dra. Márcia Aparecida Gobbi.

### **RESUMO**

**A** iniciação científica intitulada “E agora, as crianças desenham?” realizada durante o ano de 2010, buscava verificar e analisar os espaços ocupados, ou não, pelo desenho no cotidiano escolar das crianças com 6 anos de idade no 1º ano do Ensino Fundamental. Durante a observação de campo fiquei próxima de uma professora de Artes chamada Silvia. O contato com esta professora impulsionou e direcionou meu olhar para a sua formação. O que a professora de Artes tem em sua formação que a torna mais sensível? O que incentiva sua exploração? O que motiva seu anseio pela descoberta dos sentidos? Exploração, criação, fruição, estímulo e descoberta, imaginação, sentimentos, cheiros... ouvir, ver, tocar. Diante dessas possibilidades e oportunidades de expressão, sensações, estranhamentos e provocação, de curiosar o mundo, esta pesquisa tem por objetivo observar e analisar as práticas docentes de uma professora de Artes, buscando nelas subsídios para admitir as Artes como fundamento na formação de professoras de ensino infantil e fundamental. Apoiando-me sempre sob um referencial teórico espero levar o leitor a reflexão do tema, para juntos descobrirmos qual é o valor que dispensamos a formação de professoras e a Arte.

**PALAVRAS-CHAVE:** Formação de Professores (as) – Artes – Educação Infantil – Ensino Fundamental

## **Agradecimentos**

A Deus, por estar aqui presente.

À minha família pelo incentivo, pelo apoio e por todas as palavras e gestos de força e amor que me levam sempre à frente.

A professora de Artes, Silvia, por me receber e permitir minha presença durante a pesquisa de campo.

A FAFE pelo tempo que me concedeu a bolsa.

E finalmente a Márcia Aparecida Gobbi pelas orientações, paciência e por apoiar o objetivo e tema desenvolvido com muito carinho e atenção nesta pesquisa.

A todos vocês o meu muito obrigado!

*E con chi parla  
il filo d'erba verde  
se non c'è vento?*

*E com quem fala  
a grama verde  
se não há vento?*

*(Leonardo)*

## ABSTRACT

**T**he research titled "And now, children draw?" done in 2010, sought to verify and analyze the spaces occupied or not by design in daily school life of children under 6 years of age at first year of elementary school. During field observations I was close to an art teacher, whose name is Silvia. The proximity with this teacher directed my questions to her training. What do the art teachers have in their training that makes it more sensitive? What encourages their exploration? What motivates their desire for the discovery of the senses? Exploration, creation, enjoyment, excitement and discovery, imagination, feelings, smells ... hear, see and touch. By these possibilities and opportunities of expression, feelings, strange and provocative, curiosity over the world, this research aims to observe and analyze the teaching practices of an art teacher, looking for them to admit the Arts grants as a foundation in the training of kindergarden and elementary school teacher's. Always supporting in a theoretical hopefully lead the reader to reflect the theme, to discover together what is the value we give the training of teachers and art.

**KEY WORDS:** Training of teachers – Arts – Kindergarden – Elementary School

## INTRODUÇÃO

Busco na iniciação científica uma oportunidade para problematizar, questionar e refletir acerca da educação brasileira. São dúvidas e angústias que invadem meus pensamentos e clamam por observações, respostas e mais questionamentos. É estranhando o objeto, curiosando o mundo que busco formar, construir e cultivar um olhar capaz de maravilhar-se diariamente enquanto futura professora.

O gosto pelas Artes e o anseio pela investigação impulsionaram minha primeira iniciação científica intitulada “E agora, as crianças desenham? Um estudo sobre a inserção das crianças de 6 anos no 1º ano do Ensino Fundamental”. O ano de 2010 foi dedicado a estudar, refletir e observar as mudanças na configuração da educação básica brasileira que naquele momento, legalmente, passavam a receber meninos e meninas com 6 anos de idade (as vezes 5 anos de idade). Eram novos atores nos espaços do Ensino fundamental, um espaço que se esquece do tempo, da organização e das práticas construídas a partir da “cultura da infância” (FREITAS, 2007) Em especial, esta iniciação científica questionava se este universo do Ensino Fundamental que é diferente da Educação Infantil considerava as formas expressivas das crianças, destacando o desenho, afinal qual era o espaço ocupado ou não pelo desenho. Passado doze meses de pesquisa, de estudo, muita leitura e de 64 horas de observação de campo, reconheci e entendi que a pesquisa jamais chega ao fim, afinal nem todas as perguntas são passíveis de respostas. É por este prazeroso e desafiador caminho da pesquisa que me lancei mais uma vez.

Durante o período de observação de campo fiquei próxima de uma professora de Artes chamada Silvia<sup>1</sup>. O contato com essa professora de Artes, em especial, delineou meus pensamentos e estimulou o questionamento acerca da sua formação enquanto docente. O que é que a professora de Artes tem em sua formação que a torna mais sensível? O que incentiva sua exploração? O que motiva seu anseio pela descoberta dos sentidos? Exploração, e criação, curiosidade e descoberta, imaginação, rompimento, estranhamento, sensações, sentimentos, cheiros... ouvir, ver, tocar... fazer, experimentar e apreciar a Arte... arte esta que

---

<sup>1</sup> Nome real, com consentimento da professora.

se desenrola comprimida entre as demais disciplinas escolares, que sobrevive durante 45 minutos semanais

O desenrolar do projeto “E agora, as crianças desenham?” supriu parte das minhas aspirações, todavia gerou muito mais angústias e indagações, eu sinto que é preciso ir além! Por conseguinte, este projeto de Iniciação Científica parte dos questionamentos oriundos da minha primeira iniciação científica a fim de responder a mais questões suscitadas durante o percurso de pesquisa: realmente a formação em artes implica práticas pedagógicas diferentes? A preparação das atividades, a relação com as crianças tornam-se variadas? Uma vez tendo iniciado minha pesquisa voltando-me para os estudos relacionados ao espaço do desenho como expressão plástica da criança na escola, preocupo-me com o corpo desta criança que desenha e quais seus espaços de expressão. A criança dança, canta, faz teatro? Essas manifestações artísticas têm seu lugar assegurado como direito da criança pequena, já no ensino fundamental? E a professora de artes, se constitui como mediadora de tais experiências pelas crianças?

Diante de tantas dúvidas e questionamentos o presente relatório busca elencar subsídios para admitir as Artes como fundamento na formação da professora de Ensino Infantil e Fundamental, reconhecendo que esta deve proporcionar momentos e experiências expressivas e de maravilhamento, esta deve ser o vento com quem fala a grama verde.

No primeiro Capítulo, busco conceituar alguns termos largamente utilizados no decorrer deste trabalho, entre eles: Arte, experiência, Educação Infantil, Ensino Fundamental, PCN e DCNEI. No segundo capítulo, discorro acerca da metodologia de pesquisa escolhida para o desenvolvimento da pesquisa científica. No terceiro capítulo, apresento-lhes os caminhos por mim percorridos até chegar a presente pesquisa científica, bem como levanto e exponho minhas angústias enquanto pesquisadora. No quarto capítulo desenvolvo a análise e compreensão dos dados estudados e recolhidos. E finalmente, no quinto capítulo apresento as considerações finais.

## CAPÍTULO 1

### Revisitando Conceitos

Este primeiro capítulo pretende conceituar e revisitar alguns termos largamente utilizados durante toda a pesquisa, desde a investigação até a análise de dados. Começo por definir o termo Arte, seguido das concepções de experiência, Educação Infantil, Ensino Fundamental, PCN e DCNEI.

#### 1.1 – Arte

Nestas poucas linhas que se seguem busco elencar definições do termo arte, não se trata de um enquadramento, uma vez que este é um tema amplo e extenso, mas sim afirmações feitas por autores como Ana Mae Barbosa<sup>2</sup>, Vygotsky<sup>3</sup>, Edith Derdyk<sup>4</sup>, Gianfranco Staccioli<sup>5</sup>, e tantos outros, que delineiam e expressam aquilo que acredito ser e representar a arte na formação humana. Reitero que embora saiba da complexidade que reside em torno desta definição julgo importante estabelecer certa discussão neste texto, sendo que o mesmo merece ser aprofundado.

Arte é sentimento, pensamento, tensão, criação, (re)criação, cultura, cognição, profissão, interpretação da realidade e do imaginário, rompimento, estranhamento, provocação, curiosidade e descoberta, (des)acomodação, (des)estabilização. É fruto de experiências, vivências, concepções, princípios, tentativas, erros e acertos, diferentes olhares,

---

<sup>2</sup> Ana Mae Barbosa, pesquisadora brasileira identificada como uma das principais referências da arte-educação no Brasil .

<sup>3</sup> Lev Vygotsky, psicólogo russo, contribuiu para o estabelecimento de um diálogo entre a Psicologia, as dimensões socioculturais do sujeito e as Artes, estava interessado, especialmente, no processo criador do homem.

<sup>4</sup> Edith Derdyk, brasileira, artista plástica e pesquisadora sobre a produção do desenho infantil.

<sup>5</sup> Professor da Universidade de Firenze, Itália.

espaços, tempos... É um eco da pluralidade de vozes. Segundo Staccioli, a arte somos nós, não é algo exterior. Derdyk, por sua vez, afirma que a arte é o campo do impossível.

## 1.2 – Experiência

Para a definição deste conceito empregado na presente pesquisa científica, recorreu-se ao autor, filósofo norte-americano, John Dewey, em especial ao seu texto “A arte como experiência”.

Segundo Dewey (1974, p.247) as experiências acontecem continuamente, porque a interação da criatura viva com as condições que a rodeiam está implicada no próprio processo de vida. Somos lançados as mais diferentes experiências a cada instante, contudo sabe-se que nem sempre se tem uma experiência completa. Afinal o que compõe uma experiência?

“Sob condições de resistência e conflito, aspectos e elementos do eu e do mundo implicados nessa interação qualificam a experiência com emoções e idéias, de maneira tal que emerge a intenção consciente.” (DEWEY, 1974, p.247)

Isto é, apesar de diversas e distintas coisas experienciadas freqüentemente, temos uma experiência quando há um equilíbrio e uma proporção entre aquilo que observamos e o que pensamos, o que desejamos e o que alcançamos. O movimento, o percurso de uma experiência flui livremente, sem juntas nem vazios, para aquilo que vem a seguir (DEWEY, 1974, p.248).

A experiência é e carrega em si própria uma qualidade individualizadora e auto-suficiente. Possui uma qualidade única, uma unidade que lhe confere seu nome. Quando a experiência é significativa lembramos e nos referimos a mesma como um momento singular, um turbilhão de idéias, pensamentos, emoções e intenções que a caracteriza como *aquele momento*.

De fato as emoções são qualidade, quando são significativas, de uma experiência complexa que se move e muda. [...] A experiência é emocional,

mas não existem nelas coisas separadas denominadas emoções. [...] A emoção é a força que move e consolida. Ela seleciona aquilo que é congruente e tingem com seu matiz aquilo que é selecionado, proporcionando, assim, unidade qualitativa e materiais externamente díspares e dessemelhantes. Provê, portanto, unidade em e através das partes variadas da experiência. (DEWEY, 1974, p. 252-253)

A qualidade emocional satisfatória, a realização alcançada por um movimento ordenado e organizado, que são próprios da experiência, também compõe a estrutura artística sentida, trata-se da estética. Dewey (1974) afirma que o estético não pode ser separado de modo taxativo da experiência intelectual, já que este deverá apresentar cunho estético para que seja completa.

A intensidade das experiências não são freqüentemente prazerosas ou divertidas, a luta e o conflito também podem ser gozados no desenvolvimento de uma experiência.

Há em toda experiência um elemento de padecimento, de sofrimento, em sentido amplo. De outra, maneira, não haveria incorporação vital, é algo mais do que colocar algo sobre a consciência, sobre o previamente conhecido. Implica uma reconstrução que pode ser penosa. Que a fase de padecimento necessário seja em si própria prazerosa ou dolorosa, é algo que dependerá de condições particulares. (DEWEY, 1974, p. 251)

Segundo Dewey (1974, p.254), a experiência é limitada por todas as causas que interferem com a percepção das relações entre o sofrer e fazer, este é o modelo e estrutura que compõe e proporcionam sentido a uma experiência. O equilíbrio e a proporção, também, definem e garantem significação a experiência. Deve-se ocupar com o fazer tanto quanto com o sofrer, o receber.

Por não se apresentar apenas como fazer e sofrer alternância, mas consistindo nos dois em relação mútua, uma experiência tem modelo e estrutura. Alguém pôr a mão no fogo que a consome não é necessariamente ter uma experiência. A ação e sua consequência precisam estar juntas na percepção. Esta relação é o que proporciona sentido; captá-lo é o objetivo de toda inteligência. (DEWEY, 1974, p.254)

A arte remete a um processo de fazer, já a estética refere-se a apreciação, percepção. Uma não está dissociada da outra, há uma relação entre elas. Há uma

intencionalidade no ato de obrar, uma observação necessária para o autor enquanto esta produzindo (DEWEY,1974, p.257). O artista faz a obra dirigido pela sua observação, apreciação, padecimento e satisfação.

Em uma palavra, a arte, em sua forma, une as mesmas relações de fazer e padecer, a energia de ida e de vinda, que faz com que uma experiência seja uma experiência. Por causa da eliminação de tudo o que não contribui para a mútua organização dos fatores da ação e da recepção, e por causa da seleção justamente dos aspectos e traços que contribuem para a sua interpenetração, o produto é uma obra de arte estética. O homem talha, esculpe, canta, dança, gesticula, modela, desenha e pinta. O fazer ou obrar é artístico quando o resultado percebido é de tal natureza que suas qualidades enquanto percebidas controlaram a produção. O ato de produzir dirigido pela intenção de produzir alguma coisa gozada na experiência imediata do perceber tem qualidades que uma atividade espontânea ou não-controlada não tem. O artista incorpora a si próprio a atitude do que percebe, enquanto trabalha. (DEWEY,1974, p. 257)

Quanto ao padecimento da experiência,

“O aspecto estético ou padecido da experiência é receptivo. Implica submissão. Mas a docilidade adequada do eu só é tornada possível através de uma atividade controlada, a qual poderá ser intensa.” (DEWEY,1974,p.261)

A experiência que o artista passou durante o desenvolvimento da sua obra só será percebida pelo espectador se este criar sua própria experiência. Seus interesses, desejos, concepções, ideias e pensamentos são submetidos durante a apreciação e se tornam significativos de acordo com seus próprios interesses.

Para perceber, um espectador precisa criar sua própria experiência. [...] O artista selecionou, simplificou, clarificou, abreviou e condensou de acordo com seu desejo. O espectador tem de percorrer tais operações de acordo com seu ponto de vista próprio e seu interesse próprio. (DEWEY,1974,p.261)

Por fim,

O que distingue uma experiência como estética é a conversão das resistências e das tensões, das excitações que em si próprias são tentações para a dispersão, em um movimento dirigido para um término inclusivo e satisfatório. (DEWEY,1974,p.263)

Entender o termo experiência segundo Dewey nos faz repensar qual o espaço das artes nas instituições de ensino infantil e fundamental. Como encantar e maravilhar as crianças, como mediar o trânsito dos corpos diante das diferentes manifestações artísticas se as artes não tem tempo e espaço na formação de professoras? A professora é a mediadora entre as diferentes experiências artísticas e as crianças. Mas, como uma professora vai conseguir impregnar de sentidos e encantar meninos e meninas com a arte se nem ela experimenta a arte como um fundamento em sua formação? Não se trata de coisas experienciadas, mas de experiências que são problematizadas, conscientes, contínuas, novas possibilidades em que realizar, refletir e consumir são momentos únicos e singulares, momentos de satisfação em fazer, padecer, sofrer e receber. São professoras e crianças experimentando as artes enquanto produtores e autores das suas expressões artísticas. É um problema que recebe sua solução. É um jogo praticado até o fim (DEWEY, 1974, p. 247)

Pensando e entendendo a experiência artística como fundamental na formação humana, questiono se as crianças pequenas estão experimentando as diferentes manifestações artísticas. Constituem elas de fato experiências significativas, onde o fazer, o padecer e o apreciar se mostram presentes? Emoções, sentimentos, pensamentos, transformações e mudanças que encantam e maravilham as crianças de maneira a evidenciar a experiência consciente, única.

### **1.3 – Educação Infantil**

Conforme a LDB<sup>6</sup>, a educação infantil é a primeira etapa da Educação Básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físicos, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. Trata-se da garantia do direito à educação de crianças de 0 a 5 anos, sendo do 0

---

<sup>6</sup> LDB : Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional : lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. – 5. ed. – Brasília : Câmara dos Deputados, Coordenação Edições Câmara, 2010. P. 25

a 3 oferecidas em creches e do 4 a 5 nas pré-escolas. Deve contemplar o educar e o cuidar; a adequação do tempo e do espaço para a faixa etária; a importância do movimento e do brincar; as diferentes linguagens, em especial as linguagens artísticas; a atenção à saúde das crianças, entre outros aspectos. É de responsabilidade prioritária dos governos municipais.

#### **1.4 – Ensino Fundamental**

Segundo a LDB<sup>7</sup> o Ensino Fundamental é obrigatório, com duração de nove anos, gratuito na escola pública, iniciando-se aos seis anos de idade. O Ensino Fundamental tem por objetivo a formação básica do cidadão, mediante: o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo; a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade. A jornada escolar no Ensino Fundamental inclui pelo menos quatro horas de trabalho efetivo em sala de aula, sendo progressivamente ampliado o período de permanência na escola.

#### **1.5 – PCN – Parâmetro Curricular Nacional**

Os Parâmetros Curriculares Nacionais<sup>8</sup> são referenciais que visam contribuir para a melhoria da qualidade da educação brasileira. Apresenta uma natureza aberta e uma proposta flexível de modo a adequar-se e reconhecer as diversidades culturais, regionais, étnicas, políticas e religiosas. Diante desta pluralidade brasileira o PCN busca uma crescente igualdade de direito entre os cidadãos, baseado nos princípios democráticos, bem como apresenta como função orientar e garantir a coerência dos investimentos no sistema educacional, socializando discussões, pesquisas e recomendações, subsidiando a participação de técnicos e professores brasileiros, principalmente daqueles que se encontram mais isolados, com menor contato com a produção pedagógica atual. Os PCNs são divididos em disciplinas, dentre elas as Artes que é o que utilizarei como fonte bibliográfica.

---

<sup>7</sup> LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional : lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. – 5. ed. – Brasília : Câmara dos Deputados, Coordenação Edições Câmara, 2010. P. 26.

<sup>8</sup> Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: Introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1997. P. 10.

### **1.6 – DCNEI – Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil**

As Diretrizes Curriculares Nacionais foram definidas pelo Conselho Nacional de Educação (CNE). As DCN's tem origem na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1996. São normas obrigatórias cujo objetivo é orientar o planejamento curricular das escolas e sistemas de ensino. As DCN's consideram a autonomia da escola e da proposta pedagógica, de modo a considerar o tipo de pessoas que a escola atende, a região em que está inserida, e outros aspectos locais relevantes.

Para cada área de conhecimento, campo do saber ou profissão foram estabelecidas diretrizes próprias. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil<sup>9</sup> buscam orientar a organização de propostas pedagógicas na Educação Infantil e as políticas públicas na área e a elaboração, planejamento, execução e avaliação de propostas pedagógicas curriculares.

As Diretrizes Curriculares Nacionais pra a Educação Infantil garantem que as crianças sejam respeitadas no seu direito de ser criança, considerando que estas são sujeitos históricos, sociais, possuidores de direitos, produtores de cultura, cidadãos que brincam, imaginam, experimentam e fantasiam. Crianças que devem se expressar nas diferentes linguagens artísticas e manifestações culturais. Em especial, no presente relatório recorro a esta garantia de expressão e manifestação da criança pequena. Entendo que esta garantia e respeito as particularidades e especificidades da criança pequena deveria impregnar e contaminar, também, o Ensino Fundamental.

---

<sup>9</sup> BRASIL, Conselho Nacional de Educação. Resolução CEB 5/2009. Diário Oficial da União, Brasília, 09 de dezembro de 2009.

## CAPÍTULO 2

### Metodologia

*“Mudar o mundo, não só pelas crianças, mas  
acima de tudo com a sua participação”*

(Considerações da Sessão de Encerramento da  
Cimeira Mundial da Infância, 2002)

Este capítulo tem por objetivo expor os métodos e procedimentos adotados no desenvolvimento da presente pesquisa científica. Buscando curiosar, estranhar e questionar os espaços, tempos e as práticas no ensino infantil e fundamental optou-se por realizar um levantamento bibliográfico, a pesquisa de campo, bem como conversas informais com as crianças e a professora de Artes, Silvia.

O levantamento bibliográfico delineou caminhos, concepções e idéias. Foram leituras e fichamentos, a fim de analisar, responder e problematizar o fenômeno pesquisado.

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. [...] A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. (GIL, 2002, p.44-45)

Já a pesquisa de campo permitiu observar as práticas da professora de Artes, Silvia. Sentia-me como uma sombra desta professora, uma vez que a pesquisa de campo exigiu presença constante junto a mesma, tratava-se de uma investigação como uma realidade participada.

Metodologicamente, a investigação é considerada como um espaço intersubjectivo, para onde confluem múltiplas formas práticas, conceptuais,

imaginárias e empáticas de conhecimento, através de processos partilhados de produção de conhecimento, entre investigadores e investigados. (SOARES, 2006,p.29)

Apesar desta pesquisa científica buscar entender, conhecer e problematizar a formação docente, admitindo a necessidade das artes na mesma, a criança sempre foi e será a inspiração e o foco destes ensaios científicos. Portanto, ela é também parceira nesta investigação.

A investigação é um processo de participação social, no qual é fundamental considerar um equilíbrio mutuamente possível, de autonomia, cooperação e hierarquia com e entre as pessoas, sendo a tomada de decisão partilhada entre todos os parceiros do processo de investigação. (HERON *apud* SOARES, 2006, p.29)

Enquanto investigadora, busquei uma atitude de equidade no desenvolvimento do processo de investigação, o qual foi aberto, de forma a integrar todos os aspectos que vão diferenciando os diferentes atores que nele participaram, sejam crianças ou adulto. (SOARES,2006,p.31)

A pesquisa de campo foi realizada em uma escola da rede municipal de ensino da cidade de São Paulo. Ao todo foram 32 horas de observação. Durante este tempo mantive conversas informais com a professora Silvia e seus alunos (entendendo que o Ensino Fundamental modela, treina e disciplina os corpos de maneira a transformar crianças em alunos).

O caderno de campo esteve comigo a todo momento. E é nele que busco lembranças e recordações acerca dos momentos vivenciados dentro dos muros da escola. Portanto, as informações coletadas, as leituras, registros, conversas com a orientadora, dúvidas e repostas, formam parte do processo que resultou no presente relatório.

Entender e vislumbrar práticas que proporcionam experiências artísticas para a professora e seus alunos, bem como lhes permite explorar, expressar-se e maravilhar-se enquanto autores e produtores, responde a pergunta inicial desta pesquisa “É por isso que te chamam de professora de Artes?”. O caminho escolhido e percorrido na elaboração desta

pesquisa científica foi árduo, porém, os métodos e procedimentos adotados responderam as perguntas iniciais e permitiram outros questionamentos.

## CAPÍTULO 3

### Por onde andei

#### 3.1. Os caminhos da pesquisa

Ainda hoje me lembro dos reais motivos pelos quais procurei a Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Marcia Aparecida Gobbi, dentre eles: o gosto pelas Artes e o anseio pela investigação. Em especial, a Educação Infantil e a Infância também sempre chamaram a atenção, contudo foi durante a primeira conversa acadêmica que eu vi na pesquisa científica um meio, um caminho por onde eu poderia transitar e unir os dois assuntos que mais me interessam, Infância e Artes. Logo, o projeto intitulado “E agora, as crianças desenham? Um estudo sobre a inserção das crianças de 6 anos no 1º ano do Ensino Fundamental” é fruto da busca por respostas, da satisfação em refletir, bem como investigar a presença ou ausência da Arte na Primeira Infância, sobretudo analisando a atual situação da Educação Básica no Brasil frente a mudança legal que insere as crianças de 6 anos no 1º ano do Ensino Fundamental.

Cumprindo o cronograma de atividades, após levantamento bibliográfico, leituras, fichamentos e discussões com a orientadora o próximo passo foi a coleta de dados. Ao todo foram 64 horas observando as atividades realizadas em uma unidade escolar de Ensino Fundamental do município de São Paulo, em turmas do 1º ano das séries iniciais. Durante a observação de campo, vivi momentos de provocação e convite diante das possibilidades e experiências artísticas. Senti-me impulsionada a estudar e analisar as práticas docentes desta professora que maravilha seus alunos durante seus poucos minutos de aula. Sua capacidade de inventividade e criação em projetar-se, sonhar e buscar a capacidade humana por vezes esquecidas, roubada de todos nós e à qual escapamos, instigou-me. Vislumbrei e encontrei na sua prática pedagógica um caminho que permitia e possibilitava a aproximação das crianças às diferentes manifestações artísticas, seja como fruidoras e criadoras. Encontrei corpos transitando pelas diversas linguagens, corpos pulsantes!

### **3.2. E agora as crianças desenham? Dúvidas, angústias, inquietações**

Foram muitas lutas travadas em busca dos direitos das crianças pequenas, felizmente este cenário histórico e social modificou-se, hoje a criança é reconhecida como possuidora de direitos. Atualmente elas são contempladas na Constituição Federal, no ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), no PNE (Plano Nacional da Educação), na nova LDB (Lei de Diretrizes e Bases de 1996) e em diversos outros documentos legais.

Nos últimos anos duas leis alteraram a configuração da Educação Básica no Brasil. A lei n.11.114/05 alterou a idade para ingresso no Ensino Fundamental, de sete para seis anos de idade. Já a lei n.11.274/06 ampliou a duração do Ensino Fundamental, de oito para nove anos. Em suma, são crianças, meninos e meninas, com seis anos de idade sendo matriculadas no 1º ano do Ensino Fundamental.

Portadoras de direitos, construtoras e produtoras de cultura, é a esta infância que devemos respeito. Pensando nesta infância que possui particularidades, questiono se estão sendo respeitadas e consideradas nas suas especificidades. E agora, as crianças desenham?

O desenho é uma entre tantas linguagens e manifestações artísticas essenciais para a criança pequena. Segundo Moreira (2002)

Toda criança desenha. Todo instrumento que deixe uma marca: a varinha na areia, a pedra na terra, o caco de tijolo no cimento, o carvão nos muros e calçadas, o lápis, o pincel com tinta no papel, a criança brincando vai deixando sua marca, criando jogos, contando histórias. Desenhando, cria em torno de si um espaço de jogo, silencioso e concentrado ou ruidoso seguido de comentários e canções, mas sempre um espaço de criação. A criança desenha para brincar. (MOREIRA,2002,p.15)

O desenho representa olhares e percepções dos pequenos e pequenas sobre seu contexto social, histórico e cultural, pensados, vividos, desejados (GOBBI,2002). A criança desenha assim como fala. A criança brinca assim como desenha. O desenho nada mais é que a manifestação dos medos e anseios de uma criança, somados e realizados em determinados contextos sociais, culturais e históricos. Pensamento, sentimento, imaginação se unem no ato

de desenhar. Eles se projetam para o mundo através do desenho, documentam seus mundos no desenho. Ao desenhar a criança compreende seu mundo e a si mesma.

De fato, o desenho tem um papel fundamental para a criança pequena. Pensando nesta particularidade, qual é o espaço ocupado ou não pelo desenho no Ensino Fundamental?

Sabe-se que o Ensino Fundamental tem uma cultura voltada para a transmissão de conhecimentos e o desenvolvimento do aparelho cognitivo/razão. Um universo constituído por um currículo, profissionais qualificados, tempos e espaços, enfim uma cultura escolar que clama por um aluno. Um aluno que tem seu corpo treinado e disciplinado para sobreviver e submeter-se a lógica e as regras próprias desta cultura escolar.

É conhecido também que a linguagem escrita é valorizada nos espaços do Ensino Fundamental. Há um desejo, um anseio pela alfabetização. Sufocam-se todas as outras linguagens em prol do ler e escrever.

E o desenho? Está invisível, frio... ofuscado pelas letras e palavras. Ele não está ausente do dia a dia escolar, contudo apresenta-se como um desenho estereotipado, monótono, vazio e impessoal. Castrado do processo de imaginação e criação, o desenho parece ser uma cópia, uma imitação de modelos dados e prontos. Felizmente as transgressões, invenções e escapatórias também estão presentes no cotidiano escolar. Inventivos que são, meninos e meninas, buscam caminhos para suas criações, não apenas reproduzindo um cotidiano castrador de sua imaginação, mas tentando, as vezes a duras penas, criar. E nos envolvem pelo modo como nos dizem querer fugir dessa realidade que os cerceia.

Procurando compreender e analisar os espaços ocupados ou não pelo desenho no 1º ano do Ensino Fundamental, que naquele momento passava a receber crianças com seis anos de idade, observou-se que não se trata do Ensino Fundamental ou da Educação Infantil, mas questionar e problematizar a formação desta professora de ensino infantil e fundamental. Entendo que a professora de crianças pequenas deve maravilhar, brincar e criar. A inventividade é também parte do seu cotidiano, do seu trabalho. Mas, ela está presente já na sua formação? A arte é essencial na formação do ser humano. A arte somos nós, ela é o campo do impossível e das possibilidades. Ela permite experiências e vivências. Mas, como um professor vai conseguir impregnar de sentidos e encantar meninos e meninas com a Arte se nem ele mesmo experimenta a Arte como um fundamento em sua formação? Estas

perguntas e questionamentos invadiram meus pensamentos e com elas caminho para esta pesquisa científica que ora lhes apresento.

### **3.3. O campo de pesquisa**

A escola observada, descrita e analisada no decorrer deste relatório chama-se Escola Municipal de Ensino Fundamental “General Euclides de Oliveira Figueiredo”. Está situada na Rua Marechal Olimpio Mourão Filho, nº 187 – Vila São Francisco, CEP 05352-080, São Paulo (Zona Oeste). A escola foi inaugurada no dia 09 de Dezembro de 1970 pelo então prefeito Paulo Maluf. Atualmente atende 1019 alunos e alunas. São 554 matriculados no período da manhã e 465 matriculados no período da tarde.

A unidade escolar oferece o Ensino Fundamental. Ao todo são 33 classes (17 no período da manhã sendo 9 do ciclo I e 8 do ciclo II e 16 no período da tarde sendo 9 do ciclo I e 7 do ciclo II) que englobam as séries iniciais e finais da modalidade de educação básica que a escola oferta/atende.

O prédio escolar é composto de térreo, pátio externo e mais dois andares. O térreo apresenta: três salas de aula de alvenaria, uma sala de leitura, um palco, um pátio interno, banheiros masculinos e femininos, cozinha com despensa, banheiros para funcionários e funcionárias, um depósito de material de limpeza, uma sala de materiais de Educação Física e uma sala para guardar os brinquedos do 1º ano do Ensino Fundamental; no outro extremo ficam a secretaria, a sala de coordenação pedagógica, a direção com uma sala para a diretora e outra para as assistentes de direção, sala de professores e banheiros para os professores e professoras. No primeiro andar encontram-se oito salas de aula, uma sala de apoio pedagógico (SAP), uma sala dos inspetores de alunos e dois banheiros para alunos. No segundo andar localizam-se oito salas de aula, uma sala de vídeo, uma sala de informática educativa e dois banheiros para alunos. A escola possui uma quadra poli-esportiva oficial e duas quadras não oficiais. Todas as quadras ficam abertas ao público nos finais de semana.

A escola passou por reformas, uma reforma geral do prédio e outra onde foi instalado um elevador e construídas rampas de acesso aos portadores de necessidades especiais. Apesar das recentes reformas, no Projeto Político Pedagógico de 2011 é dada

ênfase a necessidade de mais reformas da infra-estrutura a fim de melhorar o ambiente escolar.

A escola recebe alunos com necessidades especiais conforme o critério da inclusão proposta pela regulamentação. Eles freqüentam a classe comum visando o que eles acreditam garantir a maior integração com os outros educandos. A escola conta com a assessoria do CEFAI (Centro de Formação e Acompanhamento a Inclusão) para alunos portadores de necessidades especiais e do CIAM (Centro Israelita de Apoio Multidisciplinar) entidade que atende crianças deficientes mentais

Quanto à biblioteca da escola... Esta recebe o nome de Sala de Leitura, ela apresenta muitas prateleiras, livros e carteiras. É bastante freqüentada, uma vez que todos os alunos têm ao menos uma aula na sala de leitura. Uma professora readaptada é responsável pela sala de leitura, ela também exerce outras atividades na escola como leitura do diário oficial e triagem oftalmológica dos alunos.

Cabe, também, a esta parte do presente relatório de estágio descrever o intervalo da escola observada. O recreio/ intervalo da escola é dividido em duas partes, a primeira turma que sai são os alunos do ciclo I do Ensino Fundamental seguido dos alunos do ciclo II. O intervalo de cada turma tem duração de 20 minutos, tempo este destinado ao comer, beber, conversar, ir ao banheiro, correr e brincar.

### **Caracterização da Clientela**

Os alunos em sua maioria residem nos bairros do Jaguaré, seguido do Rio Pequeno e Vila São Francisco. Vale frisar que a maior parte dos alunos da escola em questão são oriundos de bairros diferentes ao da localização da mesma.

Quanto a profissão dos pais há uma variação entre autônomos, motoristas, comerciantes, vendedores, engenheiros e gerentes. Quanto às mães é expressivo o número daquelas que se dizem “do lar”, mas não ultrapassam as que trabalham fora, são elas: vendedoras, cozinheiras, domésticas, costureiras e professoras (18 ao todo). Em geral os pais possuem Ensino Médio completo e uma pequena faixa possui Ensino Fundamental incompleto e Ensino Superior completo. A renda mensal recai na maior incidência no valor de R\$ 600,00 a R\$ 1000,00, mas é expressivo o número de famílias que recebem mais de R\$ 1000,00.

A maior parte dos alunos permanece na escola por um período de 2 a 4 anos. Seria esta escola uma escola de passagem? Buscando outras respostas esta pesquisa científica não teve tempo para encontrar essa afirmação.

As principais atividades de lazer dos alunos da escola em questão são: assistir televisão (programação da televisão: desenhos, programas educativos, filmes, novelas e programas de auditório), visitar parentes, ir ao shopping, jogar videogame e brincar na rua. A maior parte das famílias não assina jornais ou revistas. Daqueles que o fazem preferem a Folha de São Paulo, enquanto jornal, e Veja, enquanto revista.

Quanto a avaliação sobre a escola os professores e demais funcionários, acreditam que ela é uma boa escola, uma vez que é a prioridade dos pais na escolha. Esta opinião também é sustentada pelos pais e alunos.

### **Estrutura Administrativa**

A escola conta com uma média de trinta funcionários distribuídos nos diferentes cargos e funções. O módulo de agente escolar é composto por seis agentes escolares, três funcionários terceirizados, três inspetores de alunos, uma secretária e dois ATE II. A equipe diretiva é formada por uma diretora, duas assistentes de direção e duas coordenadoras pedagógicas.

### **Projeto Político Pedagógico**

Vale mencionar que os dados aqui apresentados são oriundos do Projeto Político Pedagógico da escola, projeto este que começou a ser construído no final do ano de 2009 na avaliação da unidade escolar. No início de 2010 nas reuniões de organização da escola foram levantadas as prioridades, os objetivos e as metas para 2010. Esse processo estendeu-se nas reuniões de pais e mestres e na JEIF (Jornada Especial Integral de Formação). Todas as propostas dos grupos eram amplamente discutidas por todos, avaliadas e reescritas para se chegar a mais aceita por todos. Trata-se então de um documento construído coletivamente, onde pais e professores debatiam acerca de uma educação de qualidade. Mas e os alunos? A descrição do Projeto Político Pedagógico no Projeto Político Pedagógico não faz menção a participação dos alunos na construção do mesmo. Afinal os protagonistas de todo o debate e discussão não participaram da construção do mesmo?

O Projeto Político Pedagógico da escola analisada é de fácil acesso, contudo fui instruída que a cópia do mesmo não é permitida. Todas as informações provenientes do mesmo são resultado de longas horas de cópia manuscrita do mesmo, seguida de análise.

### **3.4. Eu e as minhas questões**

Depois da primeira experiência enquanto pesquisadora, mais uma vez lancei-me a pesquisa de campo. A observação e a pesquisa participativa já não me era totalmente estranho, contudo a entrada no campo de pesquisa é sempre um desafio, uma surpresa, um medo, uma angústia. Ser aceito e recebido pelas crianças e pela professora é sempre um ponto muito importante na pesquisa participativa, uma vez que pesquisados e pesquisador trabalham e são parceiros iguais.

Nesta pesquisa pretendeu-se estudar e problematizar a formação da professora de artes buscando nelas subsídios e justificativas para admitir as artes como fundamento na formação da professora de ensino infantil e fundamental. Portanto, fiquei 32 horas acompanhando a professora de artes Silvia, uma vez que seu trabalho já havia me encantado durante a primeira observação de campo.

Observar seu dia a dia escolar, sua correria e seu esforço para inventar, oferecer e possibilitar experiências com as diferentes manifestações artísticas, foi gratificante e inspirador. Mesmo com uma formação em artes plásticas, aventurava-se também no teatro.

Em especial, observei os encontros do grupo de teatro que coordenava. Fui convidada a participar com os alunos dos jogos teatrais, bem como assistia os ensaios e opinava. O grupo era bem participativo e comprometido, decidiam juntos as direções da peça. Apesar de coordenar o grupo de teatro, a professora Silvia era apenas mais uma parceira na construção da peça.

Participar dos ensaios e jogos teatrais foi bem desafiador para mim. A vergonha e a timidez castravam meus movimentos e gestos, silenciavam meu corpo. Mas, aceitei a experiência e joguei, brinquei e me diverti com as vivências teatrais. Enquanto futura professora de crianças pequenas considero ser essencial viver e experimentar a arte nas suas diversas linguagens. Quero ser bailarina, desenhista, músico... para assim e só assim impregnar de sentidos e maravilhar as crianças diariamente. Não é necessário ser um artista

profissional, mas reivindico que todos passemos, conheçamos essas linguagens humanas como direito.

Seguir os passos da professora Silvia, também me fez pensar sobre o papel do professor reflexivo, que observa e problematiza o cotidiano escolar. A todo instante a professora levantava questionamentos, como: o olhar estético da criança pequena – diante de frases enunciadas pelas crianças, como: O meu desenho está feio! Eu não sei fazer isso como você!; a proibição, o medo da cor preta – não se pinta sobre a parte mais escura do Xerox, o preto é evitado; a frequência do uso da cor verde para as folhas e a cor marrom para o tronco das árvores – sinto como se para as crianças não houvesse a possibilidade da folha ser azul, amarelo, ou vermelha, mesmo que na sua imaginação, mesmo que fosse a sua folha; o medo de mostrar para o outro a sua obra; a falta de coragem em experimentar, tentar, criar e inventar – o que se observa com frequência é a constante reprodução de modelos prontos, cópias. Estas dúvidas revelam uma professora reflexiva que se mostra preocupada e atenta ao seu dia-a-dia enquanto professora de Artes.

## CAPÍTULO 4

### Coleta de dados e análise

#### 4.1. Arte como linguagem

A linguagem é meio de comunicação e meio de expressão, como imagem da realidade e signo para ela, como percepção “sensorial” do objeto e abstração (FISCHER, 2002,p.34). Buscando expressar ideias, sentimentos e experiências a linguagem encontra nos signos sonoros, gráficos e gestuais um caminho para estabelecer uma comunicação. A linguagem enquanto sistema de comunicação constituído por signos determinados e construídos social e historicamente que estabelece uma interação mediadora e constitutiva do sujeito e das suas relações sociais está intimamente relacionada a comunicação, uma vez que a linguagem materializa a comunicação, e a comunicação é função da linguagem. A propósito, a Arte é uma linguagem, uma linguagem expressiva e comunicativa.

Segundo Fischer (2002),

Um artista só pode exprimir a experiência daquilo que seu tempo e suas condições sociais têm para oferecer. Por essa razão, a subjetividade de um artista não consiste em que sua experiência seja fundamentalmente diversa da dos outros homens de seu tempo e de sua classe, mas consiste em que ela seja mais forte, mais consciente e mais concentrada. A experiência do artista precisa apreender as novas relações sociais de maneira a fazer que outros também venham a tomar consciência delas; ela precisa dizer *hic tua res agitur*. Mesmo o mais subjetivo dos artistas trabalha em favor da sociedade. Pelo simples fato de descrever sentimentos, relações e condições que não haviam sido descritos anteriormente, ele canaliza-os do seu “Eu” aparentemente isolado para um “Nós”; e este “Nós” pode ser reconhecido até na subjetividade transbordante da personalidade de um artista. (FISCHER,2002,p.56-57)

A arte permite representar, expressar e compreender a realidade. As ideias, sentimentos e experiências individuais e fragmentadas admitem um estado íntegro e total nas

artes. A arte como linguagem fala do mundo, do seu tempo e da sua cultura, a arte documenta!

Construindo a si mesmos e a cultura em que está inserido, o homem por meio da escrita, da palavra, do gesto, do movimento, da pintura e do desenho, cria, inventa, expressa, comunica, curiosa o mundo. Pelas diferentes linguagens se exprimem sentimentos, pensamentos e vivências.

Desde muito pequeninos nos expressamos por meio das diferentes linguagens (choro, gestos, traçados, pinturas), contudo estas ricas manifestações, por vezes, encontram-se enfraquecidas, esquecidas, roubadas de todos nós e à qual escapamos. Segundo Gobbi (2010),

Frequentemente o termo “linguagem” é relacionado estritamente à linguagem verbal e escrita e, por vezes, lhe é dado peso tão grande que chega a inibir a curiosidade por conhecer outras manifestações expressivas dos seres humanos, sobretudo quando têm pouca idade. Adultos, tantas vezes, concebem a si mesmos como seres acabados, resultando disso olhares espessos, enrijecidos e pouco estimulados a ver realidades multifacetadas que se apresentam em profusão diante de todos. (GOBBI,2010,p.2)

Felizmente a fala não se apresenta como única linguagem, mas apenas mais uma dentre tantas outras maneiras de se expressar e comunicar. O corpo pulsante, fala! Fala pelos gestos, pelos movimentos, pelo traçado, pela pintura, pela escultura, pela escrita, pelo olhar, pela voz, pelos sentimentos e pensamentos. Por meio da imaginação e criação, a rica linguagem artística também se mostra como escapatória e possibilidade de maravilhar e falar do mundo.

Entendo que a Arte é uma linguagem; uma linguagem que fala através de um corpo pulsante que se manifesta de diversas e distintas maneiras, seja pelas mãos, pela voz ou pelo olhar consciente e concentrado em busca da sua expressividade e inventividade.

Neste ponto do presente relatório considero importante mencionar e citar como as linguagens aparecem nos documentos oficiais. Bem como, busco neles subsídios para afirmar que a arte é um direito e, portanto deve ser assegurado no ensino infantil e fundamental.

Dentre os objetivos indicados pelo PCN para o Ensino Fundamental, o aluno desta etapa da Educação Básica deve ser capaz de utilizar as diferentes linguagens — verbal,

matemática, gráfica, plástica e corporal — como meio para produzir, expressar e comunicar suas ideias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação. Isto é, não só a linguagem escrita ou verbal devem ser consideradas no Ensino Fundamental, mas também as linguagens gráficas, plásticas e corporais. Entendendo que todas comunicam e expressam de maneiras singulares e próprias. Uma não precisa acontecer em detrimento da outra, visto que todas são essenciais na formação humana.

Já as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil garantem que,

**“Art. 6º.** As propostas pedagógicas de Educação Infantil devem respeitar os seguintes princípios:

[...]

III - Estéticos: da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais.”

**“Art. 8º.** A proposta pedagógica das instituições de Educação Infantil deve ter como objetivo garantir à criança acesso a processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens, assim como o direito à proteção, à saúde, à liberdade, à confiança, ao respeito, à dignidade, à brincadeira, à convivência e à interação com outras crianças.

**“Art. 9º.** As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira, garantindo experiências que:

[...]

II – favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical;

III – possibilitem às crianças experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais e escritos;

[...]

VII – possibilitem vivências éticas e estéticas com outras crianças e grupos culturais, que alarguem seus padrões de referência e de identidades no diálogo e reconhecimento da diversidade;

[...]

IX – promovam o relacionamento e a interação das crianças com diversificadas manifestações de música, artes plásticas e gráficas, cinema, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura”;

Enfatizo que para além do contato, experiência e vivência com as manifestações artísticas, é necessário o progressivo domínio dessas linguagens, isto é elas precisam fazer parte do cotidiano das crianças. Acredito que o investimento por parte do professor, agora sustentado na LDB, PCN e demais documentos oficiais, é de suma importância, uma vez que traz ganhos significativos para nossos principais atores, as crianças. A estes documentos oficiais fico feliz que à Arte e suas linguagens foi dada certa atenção. Contudo, o que é observado no cotidiano escolar dessas crianças, meninos e meninas é que a arte ainda é marginalizada, esquecida e silenciada. O invisível não pôde ser encontrado (STACCIOLI, 2011)

A seguir apresento-lhes diferentes linguagens expressivas, dentre elas: música, desenho, a fotografia e o teatro. Mesmo que aqui separadas em tópicos, sabe-se que na primeira infância todas elas encontram-se juntas num só corpo, manifestando-se ricamente em situações coletivas ou individuais entre crianças de idades iguais ou diferentes, entre elas e adultas (GOBBI, 2010)

#### **4.1.1 As diferentes linguagens**

##### **MÚSICA**

A música é um processo contínuo de construção que envolve perceber, sentir, experimentar, imitar, criar e refletir (BRITO, 2003) Trata-se de uma linguagem que organiza os signos sonoros no tempo e no espaço. Uma linguagem que permite um meio de ampliação da percepção e da consciência, por que possibilita vivenciar e conscientizar fenômenos e conceitos diversos (KOELLREUTTER *apud* BRITO, 2003).

Enquanto linguagem, a música permite a exploração, a criação e a descoberta. Enquanto ouvimos, sentimos. Os devaneios, a imaginação e a fantasia seguem os sentimentos e as percepções que a música nos oferece. A música pode nos encorajar a explorar nosso ambiente, experimentar o diferente e criar. Quando ouvimos e sentimos, expressar-se faz-se necessário.

Falar de música é admitir que desde a mais tenra idade estamos envolvidos num universo sonoro. Segundo Brito,

Os bebês e as crianças interagem permanentemente com o ambiente sonoro que o envolve e – logo – com a música, já que ouvir, cantar e dançar são atividades presentes na vida de quase todos os seres humanos, ainda que de diferentes maneiras. (BRITO *apud* PIRES, 2006, p. )

A música de fato está presente em nossa vida, em nosso cotidiano, desde pequeninos. Mas tudo o que ouvimos é música? A linguagem musical é uma linguagem artística? A música enquanto Arte só é música diante de uma técnica?

Ouvimos a buzina dos carros, as conversas no metrô, ouvimos o cantar dos pássaros e o choro do bebê. Tudo soa, tudo é som! Segundo Brito (2003), Tudo o que o ouvido percebe sob a forma de movimentos vibratórios é som. O silêncio é a ausência de som, isto é, sons que não podem ser percebidos pelo nosso ouvido, uma vez que o silêncio total não existe. Nossa escuta guia-se por limites impostos pela cultura, ou seja, o território do ouvir tem relação direta com os sons do nosso entorno, sejam eles musicais ou não (BRITO, 2003). A maneira como estes diferentes tipos de sons são empregados na música está intimamente vinculada à época e à cultura. Som ainda não é música. Mas a passagem do sonoro ao musical se dá pelo relacionamento entre sons e silêncios.

Cage afirma que

A escuta torna música aquilo que, por princípio, não é música. Em sua concepção, a construção musical se dá no nível interno, pela ação de uma escuta intencional, transformadora, geradora de sentidos e significados; ou ouvinte é ouvinte-compositor, e as relações entre os sinais sonoros, sejam as buzinas e motores dos carros ou uma sinfonia de Beethoven, tornam-se música pela interação estabelecida entre os mundos subjetivo e objetivo: dentro e fora/ silêncio interno e sons do externo/ sons do interno e silêncio externo. A música não é só uma técnica de compor sons (silêncio), mas um meio de refletir e de abrir a cabeça do ouvinte para o mundo. (CAGE *apud* BRITO, 2003, p. )

A combinação de sons e silêncio que envolvem a música só são significativos diante de uma cultura que lhe atribua significados. A música que nos diz algo, que fala sobre, que nos faz sentir e imaginar, também, é uma maneira de captar os significados das relações estabelecidas pelas crianças pequenas. A identidade desta criança pequena se constrói também na sua paisagem sonora. As músicas que gostam, as parlendas que cantam, as canções que entoam com seus pares, os sons que ouvem nas ruas, na escola, as músicas que ouvem na televisão, no rádio, são elementos constitutivos desta criança pequena. A música, assim como

o desenho, fala da criança, às vezes para criança. A criança é um ser brincante e, brincando, faz música, pois assim se relaciona com o mundo que descobre a cada dia (BRITO, 2003)

Ainda segundo Brito (2003),

“O modo como as crianças percebem, aprendem e se relacionam com os sons, no tempo-espaço, revela o modo como percebem, aprendem e se relacionam com o mundo que vêm explorando e descobrindo a cada dia.”  
(BRITO, 2003, p.)

Esta linguagem que fala sobre as crianças pequenas, sobre os seus mundos, que é utilizada para expressarem-se enquanto crianças inventivas e criativas que são por vezes é negada nos espaços de Educação Infantil ou Ensino Fundamental. A música que permite e possibilita a exploração, descoberta e criação é esquecida ou ignorada. Ainda hoje é possível observar a utilização das cantigas para o disciplinamento do corpo, para a aquisição de conhecimentos, para a formação de hábitos e atitudes, para o condicionamento de rotinas ou para a comemoração de datas diversas. Neste momento compreendo que não só o desenho, mas a música também está passível de estereotipagem e escolarização. A música tão prazerosa e significativa por vezes é imitada e copiada. Uma cópia fria e impessoal. Uma música que quando não é encarada como uma técnica profissional é lembrada só para apresentações festivas.

## **DESENHO**

O desenho é a forma expressiva mais comum, antiga e permanente entre as Artes, mais conhecida pelos adultos e mais importante para a criança pequena. O desenho é o esqueleto da linguagem visual (DERDYCK,2010).

O desenho é uma história que nos conta, mostra e representa parte do imaginário infantil. O desenho nos conta por metáforas uma história que precisa ser reconhecida nos múltiplos caminhos de que ela se serve para exprimir aos outros a marcha dos seus desejos, dos seus conflitos e receios (MOREIRA, 2002). Ao desenhar a criança compreende o mundo e a si mesma. Ela apresenta suas culturas, brincadeiras, faz-de-conta, angústias, medos e anseios no desenho. Individual ou coletivamente pelo desenho as crianças pequenas descobrem, criam e inventam.

Segundo Staccioli (2010) os desenhos das crianças pequenas estão abertos para a compreensão do mundo. Mas não podem ser lidos, afinal o desenho é diferente da escrita. O desenho da criança pequena é uma pesquisa. Trata-se da busca, do trabalho sobre si e suas próprias percepções. Nem tudo que se vê representa o que se vê. A elaboração da realidade pode se dar por representações, percepções e pensamentos. Os desenhos são interpretações da realidade, construções do conhecimento da criança. Desenhar é um projeto de experiência, de construção, de ver, pensar, refletir e sentir.

Derdyck, por sua vez, afirma que o desenho é a produção de sentido, expressão, percepção, corpo, mão, gesto, movimento. O corpo é também a ponta do lápis, que desenha, que traça a linha. Todo desenho é constituído de linha, mas o traçado singulariza o desenho, ele é único e próprio, cada um é a ponta do lápis que deseja ser. Para ela, desenho como arte é apresentar e não representar. Enquanto forma de pensar e apresentar o mundo o desenho é um grande palco de acontecimento, muito mais que lápis e papel.

Pelo desenho as crianças descobrem, inventam e se apresentam. Com o lápis na mão e muita imaginação, a mão e a linha revelam seu traçado. De uma superfície silenciosa, observa-se e atenta-se a vida que se mostra, ao corpo que pulsa.

O desenho é direito da criança pequena, contudo também lhes é por vezes negado, esquecido, tornando-se invisível. Por invisível não entenda que as crianças não desenhavam, porque sim elas desenhavam e desenhavam muito. Mas é um desenho frio e impessoal, um desenho visto, mas não enxergado. São linhas. Mas, cadê o traçado? As linhas que se cruzam e se apresentam, nos dizem algo? Ou representam cópias e imitações de modelos prontos e dados? As vezes instrumentos de descanso e domesticação do corpo, as vezes encarados como feios, o desenho da criança torna-se útil como elemento disciplinador, ao contrário de liberador de expressões (GOBBI, 2010). Gobbi (2010) afirma ainda que, muitas vezes o traçado das crianças ficam no imaginário adulto como sinônimo de algo que fere aos padrões estéticos vigentes, apresentando como feios ou caóticos. Quanto a essencial experiência que enriquece a imaginação da criança, esta fica de lado.

A criança ao entrar e permanecer em um espaço que somente lhes apresenta desenhos prontos, isto é, desenhos estereotipados, acha que o certo é desenhar assim como a professora desenha. Um desenho que é feito e repetido, é um estereótipo, não se pode fazer o mesmo desenho duas vezes! Contudo, é o desenho da professora que está nas paredes, nos cartazes, na lousa. Também nas fotocópias, nos cadernos e por todos os lados que se olhe lá

esta ele, o desenho estereotipado. Os estereótipos de tão difundidos e aceitos, constituem uma espécie de estereótipo mental, isto é, os clichês estão armazenados nas gavetas do nosso cérebro (VIANNA)

Sei que as crianças descobrem, vivenciam e inventam coisas a todo instante, elas sonham acordadas... Essa aventura pelo desconhecido é fundamental no processo de criação e expressão. É nas artes, no desenho, que as crianças manifestam-se e descobrem-se. Sentimentos e pensamentos, olhares e percepções, imaginação e criação se unem no fazer artístico. Contudo, durante o processo de descoberta e criação surge então o desenho dado, o modelo pronto apresentado pela professora. Ao sofrer influência dos desenhos estereotipados ela poderá levar sempre consigo a ideia de que os desenhos bonitos são os estereotipados, e assim, não querer realizar seus próprios traços (ALVES). Segundo Vianna, todos gostam e as crianças desde cedo aprendem a amar os estereótipos. Junto com a paixão pelos estereótipos a criança, aos poucos, perde seu traçado, esquecendo-se da expressão individual e própria, deixam de confiar nas suas mãos que desenhavam, começando a considerar seus desenhos feios, até o dia que não é mais interessante desenhar. Segundo Derdyck, o desenho por vezes é colocado no olhar, a cópia do real. Rende-se a supremacia do olho, admitindo o mesmo como condutor e ditador do desenho.

As produções das crianças pequenas são afetadas pelo julgamento do adulto que virá a imagem, os instrumentos que têm disponíveis, a situação contextual. As crianças não são livres ao desenhar, são sempre culturalmente condicionadas. A educação deve ajudar a libertar dos condicionamentos, das amarras, tornando-as frescos elásticos. (STACCIOLI,2011)

Felizmente, nem todas as crianças seguem a ditadura do desenho estereotipado. Elas, inventivas que são, transgridem a regra e encontram escapatórias para libertar-se das amarras, para desenhar, para fazerem das suas linhas, traços.

## **TEATRO**

O teatro é uma expressão artística e como arte envolve impressões, sensações e estética, seja ela plástica e até mesmo lingüística. O teatro é capaz de gerar sentido num

mundo subjetivo e isso transforma a teatralidade em um meio importante para a aquisição do conhecimento da vida e de se fazer humano.

Através da atividade estética proposta por esta prática teatral, acreditamos que a criança pode conhecer as relações existentes no mundo, [...] conduzindo seu corpo em busca do encontro com a alteridade e constituindo seu imaginário através de imagens estéticas propostas pela narrativa fantasiosa, pelo contato corporal e pela interpretação de ações dramáticas concretas implícitas no fazer teatral. (PUC-RIO, p.29)

Porém, não se deve confundir a função do teatro como o principal meio formador do ser humano e de suas virtudes. O teatro apenas explora um aspecto do ser humano, explora a sensibilidade e a imaginação, o que provoca uma mudança ao ver e enxergar do mundo e seus acontecimentos. Segundo Carneiro (2003),

A sociedade atribui às peças infantis um poder que elas não têm e não precisam ter: o poder de transformar as crianças em crianças melhores, em crianças felizes, como se estivessem nas mãos de quem faz literatura ou de quem escreve para o teatro o poder de estimular no mundo a virtude ou o vício. (CARNEIRO, 2003, p.8)

Para Carneiro (2003) ainda, o teatro até pode complementar essa função, mas ela não pode perder o seu caráter, a sua condição primeira de obra de arte. Ela deve assim, causar impressões; [...] porque se a arte for capaz disso estará contribuindo para construir uma pessoa mais liberta, uma pessoa capaz de procurar entender sozinha quais são os limites entre bondade e maldade na vida real. A oferta dessa liberdade na arte é que faz com que se forme pensadores se estimule a reflexão (CARNEIRO, 2003) Assim como Sormani (2004) acredito que o teatro não passa sem deixar marcas, favorecendo uma formação humanista positiva, transformando-se em um poderoso instrumento de combate ao ceticismo, à ignorância e à mediocridade, propiciados por este esmagador século XXI.

Sabe-se que as crianças expressam-se utilizando várias linguagens, com as quais constroem a si mesmas e as culturas nas quais estão inseridas (GOBBI, 2010). O teatro é isto...

Um acontecimento de cultura, não se tratando de eventos esporádicos apenas, envolve ricos processos de criação de todos os envolvidos,

ainda mais, daqueles que participam não somente da encenação, mas dos que assistem as peças, sejam quais forem e como acontecerem, independente de sua faixa etária. (GOBBI, 2010, p.15)

O teatro é uma rede de significados, de leituras de mundo, de possibilidades de inquietação, de experiência, vivência, provocação, estranhamento, trata-se de instigar o corpo e permitir a imaginação.

É a falta de patrocínio, de reconhecimento e as expectativas errôneas que marginalizam o teatro infantil. O teatro para crianças não deve passar normas e valores sociais para que as crianças sejam boas, mas sim provocar estranheza, encantamento, frustração, desconfiança, repúdio, inquietação, investigação. Teatro é arte! O teatro infantil pode e deve querer ser arte ou querer apenas divertir (CARNEIRO,2003, p.13). O teatro permite a fantasia e a imaginação, a arte liberta!

Por fim menciono Gobbi (2010), mais uma vez, para enaltecer o quão importante é o teatro para as crianças pequenas.

A oportunidade de conviver com a linguagem teatral, assistindo e brincando com ela e através dela, promovem o crescimento das crianças considerando invenção e imaginação, ao respeitar e provocar a apropriação de códigos complexos, de falas, de valores em âmbito físico, emocional, cultural. (Gobbi,2010, p. 16)

É o teatro... as linguagens buscando espaço e mostrando-se essenciais a infância.

## **FOTOGRAFIA**

A fotografia pode ser vista como ato de comunicação que, ao mesmo tempo distinta do cotidiano, o compõe e o exhibe, colocando-se e àqueles que a observam em diálogo (GOBBI,2010)

Ainda segundo Gobbi (2010),

Para além da possibilidade de se conversar com as crianças sobre as transformações de sua história a partir das fotografias pessoais, de família, dos amigos, que trazem registrados de passeios, festas e demais situações, as máquinas fotográficas possibilitam realizar imagens que colaboram com as nossas capacidades de olhar a partir de pontos de vistas alternativos.

As escolhas, os olhares atentos, a surpresa, o inesperado, o detalhe visto e percebido, o clique, a foto. São percepções e possibilidades para além do mero registro cotidiano. A fotografia não é feita sem uma intenção ou consciência, elas revelam opções, preferências e gostos. Elas apresentam escolhas, sentimentos e pensamentos.

Com uma máquina na mão (máquinas fotográficas, digitais ou analógicas, celulares com câmeras) a criança explora, descobre, curiosa, estranha. Aquela árvore que sempre esteve no caminho, aquela pintura diferente na parede, a sombra, o sol, os tão queridos animais, as belas flores e suas cores, são sutilezas conhecidas, mas descobertas e maravilhadas diante de um olhar atento. Diante de um clique! Um clique e uma fotografia que nos ajudam a olhar e aprender com as crianças sobre suas culturas e brincadeiras, bem como, suas ideias e pensamentos, vividos e experimentados.

Porque isto e não aquilo são perguntas que me rodeiam diante das escolhas fotográficas de cada criança. Escolhas estéticas que revelam olhares atentos a curiosidade e descoberta. A apreciação ou não da sua foto. Ao recomeço e a um novo clique.

#### **4.2. A arte e a educação**

No item anterior apresentei diferentes linguagens pelas quais é possível o corpo falar, pulsar. Distintas linguagens que podem, também, representar um eco de vozes alheias, vozes que reproduzem e imitam modelos pré-estabelecido e prontos. Esquecendo-se da inventividade e criação próprias das linguagens artísticas.

Observa-se que a didatização e escolarização da arte, por vezes, a torna fria e monótona. Faz-se necessário, então, questionar se dentro dos muros da escola a arte tem sido contemplada, experimentada, vivenciada, ou silenciada.

Sei do desafio deste questionamento, uma vez que as artes e o cotidiano escolar clamam por caminhos pelos quais possam perpassar sem disputar tempos e espaços.

Segundo Leite e Ostetto (2004):

A relação entre produção artístico-cultural e a instituição de ensino é, por princípio conceitual, conflituosa. Se, por um lado, a área artística tem na transgressão a mola propulsora de sua construção, as instituições pautam-se na normatização. (LEITE e OSTETTO, 2004)

Artes e o cotidiano escolar, conceitualmente, já remetem a um conflito ou tensão. Impasse este não muito diferente do que se observa no dia a dia escolar. São as dicotomias: transgressão e normatização; ler e escrever e artes; mente e corpo; conhecimento analítico, descritivo e linear e conhecimento sintético, corporal intuitivo sendo enaltecidas e fazendo-se presente na instituição, escola.

Já em 1978, Ana Mae Barbosa apontava para a divisão entre trabalho manual e trabalho intelectual instaurada no país desde os primórdios da colonização como uma das causas do *status* secundário da arte no currículo escolar brasileiro. (in MARQUES, 2003)

Toda esta divisão se esquece que os dualismos são indissociáveis, isto é caminham juntos, e para toda esta divisão há a valoração de uma em detrimento da outra. É fato que a normatização, o ler e escrever e a mente ou intelectualidade, ainda hoje, possuem status superior na educação escolar, se não na sociedade em que vivemos. Contudo, estes são apenas alguns modos de leitura do mundo, é preciso ir além, isto é, revisitar conceitos, convidar ao diálogo, estranhar, redimensionar o olhar, viver, ser, sentir, inventar, criar, transformar... fazer arte! E por fazer arte não entendo que este seja sinônimo de excentricidade ou loucura, mas sim uma nova maneira de ler o mundo.

Para que seja oferecida a oportunidade de uma nova leitura de mundo faz-se necessário impregnar de sentidos o dia a dia, escolar ou não. Afinal segundo Paulo Freire “Educar é impregnar de sentido cada ato cotidiano”. Ao revestir, impregnar, contaminar de sentidos o cotidiano demonstra-se a capacidade de conectar os atos às narrativas de diferentes e diversas histórias em tempos e espaços comuns. O encontro dos nossos pensamentos, sensações, emoções, atitudes, desejos e sonhos com os pensamentos, sensações, emoções, atitudes, desejos e sonhos dos outros, impregna de sentido as nossas vidas (MARQUES,2010). E esta não é uma tarefa muito fácil, afinal cada um já está imerso nas

dinâmicas sociais (etnia, opção sexual, religião, etc), sendo construtores de cultura, história e, também, senso comum.

Senso comum este, que por exemplo, entende que a leitura é feita mediante decodificação das palavras por meio de técnica, logo para ler só é preciso aprender códigos e técnicas padronizados! Errado. Ler não é passar por cima das palavras, segundo Paulo Freire. Isabel Marques (2010) por sua vez nos mostra que as palavras não são a única maneira de se ler o mundo. Ela nos afirma que ler não diz respeito somente aos olhos fixos no papel, nas paredes, nas telas. Ler diz respeito ao *corpo todo transitando*, entre papéis, paredes, telas, ruas, pisos, árvores, pessoas prédios, brinquedos, praças, teatros, pátios, museus, salas de aulas. Enfim, ler as palavras, a dança, o desenho, a fotografia, a música não é esquecer-se de buscar entendê-los, pensá-los, senti-los, relacioná-los, não se pode passar por cima dessas linguagens e ignorá-las. Em especial, admito que se passa por cima da leitura, contudo as Artes, que tem se mostrado tímida e reprimida no interior das escolas.

Afinal, o cotidiano passa por cima, isto é, ignora as linguagens em especial as linguagens artísticas, as Artes?

Faz-se necessário admitir que a Arte tem assumido um lugar próprio no currículo escolar, isto é ela tem sua carga horária determinada. Na prefeitura de São Paulo são 45 minutos semanais. Quarenta e cinco minutos para as crianças fazerem, viverem, sentirem, dialogarem com a Arte. É pouco o tempo destinado a Arte. Contudo, a aula de arte é apenas mais uma disciplina que disputa seu espaço entre as disciplinas consideradas mais sérias para o futuro. Segundo Barbosa (2006) o tempo e espaço podem ser analisados como fontes de poder social. Harvey (*apud* BARBOSA,2006) acrescenta que:

As práticas temporais e espaciais nunca são neutras nos assuntos sociais; elas sempre exprimem alguns tipos de conteúdos de classe ou outro conteúdo social, sendo, muitas vezes, o foco de uma intensa luta social. Isso se torna duplamente óbvio quando consideramos os modos pelos quais o espaço e tempo se vinculam com o dinheiro, e a maneira como esse vínculo se organiza de modo ainda mais estreito com o desenvolvimento do capitalismo. (HERVEY *apud* BARBOSA,2006)

Fico feliz que à Arte foi dada certa atenção. Contudo, o que é observado no cotidiano escolar das crianças é que a arte ainda é marginalizada. Isto se dá uma vez que a arte não atende aos interesses sociais que visam e trabalham em prol do tempo do capital, tempo este que é diferente do fazer artístico. Desfrutar das manifestações artísticas possibilita o rompimento com o tempo do mundo do trabalho, a favor do tempo da brincadeira e dos processos criativos mais lentos (GOBBI, 2010). Eis o paradoxo, sabe-se que a arte é importante para o ser humano, neste caso dou ênfase a criança, todavia o tempo escolar destinado ao fazer artístico não corresponde ao tempo que a arte demanda, ao tempo de inquietar, imaginar, brincar, sentir, pensar, criar...

Segundo Gobbi (2010):

As manifestações expressivas e artísticas não precisam ficar concentradas num único dia ou curto período de tempo cronometrado, mas ganhar espaços cada vez maiores, esparramando-se no dia-a-dia de adultos e crianças de forma a provocar estranhamentos. (GOBBI,2010)

Quanto ao espaço faço uso das palavras de Gobbi (2010) para afirmar que para *curiosar* o mundo, importa que os espaços vividos cotidianamente pelos meninos e meninas ganhem *status* de provocadores de descobertas.

Mesmo diante deste pequeno tempo e espaço destinado as Artes, só não digo que ela não existe porque de fato a Arte acontece e aparece nas paredes, nos cadernos, nas atividades, no pátio, na quadra de esportes, ou enquanto disciplina. Mas estas manifestações artísticas nas paredes, no pátio, embaixo da carteira, enfim, se dão de forma a caracterizar-se ou ser entendida como uma transgressão? Arte é arte somente no tempo e espaço pré destinado a mesma?

Fico inquieta quando o assunto é Artes porque sei que a Arte na Educação Infantil e no Ensino Fundamental (não só nestas etapas de ensino) tem um papel fundamental, englobando aspectos sensíveis, culturais e cognitivos na vida da criança. A criança gosta e faz Arte. Vale mencionar que desde que nascem as crianças estão mergulhadas em contextos sociais diversos que lhes apresentam aromas, sons, cores, formas, texturas, gestos, choros e

variadas manifestações culturais e expressivas que, em profusão, anunciam o mundo (GOBBI,2010). Já imersos num mundo onde a Arte se faz presente e se revela, meninos e meninas, tem vontades e necessidades de manifestação e expressão. É essencial que este apetite pela Arte seja saciado. A criança não pode ser privada das expressões plásticas (o desenho, a pintura, a modelagem), dramáticas (o teatro), da música, da dança, porque como já dito é assim que ela se manifesta, é assim que ela se “mostra”. Acredito que quanto mais formas de linguagens (música, dança, teatro, desenho, pintura) forem experimentadas, vivenciadas, introduzidas e reconhecidas, mais rico o ambiente educacional será.

Através da Arte é possível, também, fortalecer as interações e as trocas entre os pares, permitindo que as diferentes estéticas oriundas de situação de classe social, étnica, gênero e geracional possam dialogar com os padrões de referência e de identidades já existentes no interior de cada criança, isto é impregnar de sentidos o cotidiano.

Enfatizo que mais do que ter contato é necessário o progressivo domínio dessas linguagens, isto é elas precisam fazer parte do cotidiano das crianças. Acredito que este investimento por parte do professor nas Artes é de suma importância, uma vez que traz ganhos significativos para nossos principais atores, as crianças.

Sabe-se que as crianças são sujeito de direitos, que interferem na sociedade que vivem. Crianças competentes, capazes de múltiplas relações, portadoras de história, produtoras e consumidoras de cultura, sujeitos ativos, criativos, com formas próprias de se relacionar e enxergar o mundo.

Crianças que brincam individual ou coletivamente e neste ato experimentam e descobrem a vida que pulsa em diferentes ritmos a partir das linguagens com as quais aprendem a relacionar-se com os outros: trata-se da extraordinária capacidade em provar a vida de modo intenso, com tudo o que isso envolve, tais como confrontos, tristezas, alegrias, amizades, tensões (GOBBI, 2010)

Crianças estas que tem o direito de manifestar-se e expressar-se. As idéias das crianças, quando ouvidas, nos mostram que “um mais um pode ser muito mais que dois”, o que evidencia que é possível formular conhecimentos e saberes muito além das linguagens verbais ou escritas (GOBBI, 2010). São as cem linguagens (remete ao poema As cem

linguagens de Loris Malaguzzi) gritando e pedindo por seu tempo e espaço, clamando por atenção enquanto necessidade de expressão. Ainda segundo Gobbi (2010):

A manifestações languageiras das crianças e dos artistas convidam a reorganizar o mundo e experimentá-lo em outras versões, mediados pelos corpos que se mexem, que nem sempre falam com palavras e letras, mas que tanto dizem, provocando a conhecer o desconhecido ao mesmo tempo em que se constroem outros lugares se experiências, estranhando e conhecendo a todo instante” (GOBBI,2010)

Vislumbrar toda esta experiência, vivência e descoberta para a criança, meninos e meninas, na escola é oferecer oportunidades para o fazer artístico. É possibilitar um diálogo voltado para as múltiplas linguagens. É estar disposto a olhar e estar atento ao universo artístico rico de propósito que reclama por ser compreendido (GOBBI, 2010) É buscar uma educação baseada naquilo que sentimos. Uma educação que partisse da expressão de sentimentos e emoções. Uma educação através da arte, que possibilite a pesquisa, análise, experimentação, planejamento, execução, reflexão e apresentação de resultados.

Para que às crianças seja oferecida a oportunidade de interação e contato com as manifestações artísticas e culturais, faz-se necessário questionar a formação estética dos professores que atuam na Educação Infantil e no Ensino Fundamental. Afinal, como um professor vai conseguir impregnar de sentidos e encantar meninos e meninas com a Arte se nem ele mesmo experimenta a Arte como um fundamento em sua formação?

O próximo item discute e questiona os professores que não experimentam a arte em sua formação. Considero importante afirmar que a arte precisa ser experimentada. É preciso dançar, desenhar, pintar, atuar, para assim inspirar e contaminar o cotidiano de práticas e momentos de criação e fruição de forma a provocar estranhamentos de curiosar o mundo.

#### **4.3. Experimente, coragem, invenção**

O professor/a de ensino infantil e fundamental deve ser cúmplice, mediador e parceiro da criança em seu processo de criação.

Para isso, é necessário que o professor seja um estudante fascinado por Artes, pois só assim terá entusiasmo para ensinar e transmitir a seus alunos a vontade de aprender. Nesse sentido, um professor mobilizado para aprendizagem contínua, em sua vida pessoal e profissional, saberá ensinar essa postura a seus estudantes. (IAVELBERG, 2003)

Segundo Derdyck, a representação vem antes da experiência, é preciso vivenciar mais. Eu afirmo que é preciso experimentar, tentar e inventar mais, para assim maravilhar meninos e meninas diariamente.

Pensar a formação dos professores de ensino infantil e fundamental nos remete ao debate sobre a necessidade de uma nova dimensão para a formação de professores: uma abordagem que vise ampliar olhares, escutas e movimentos sensíveis, despertar linguagens adormecidas, acionar esferas diferenciadas de conhecimento, mexer com o corpo e a alma, diluindo falsas dicotomias entre corpo e mente, ciência e arte, afetividade e cognição, realidade e fantasia (LEITE e OSTETTO, 2004).

Na iniciação científica intitulada “E agora, as crianças desenham? Um estudo sobre a inserção das crianças de seis anos no primeiro ano do Ensino Fundamental” aponto a matrícula destes meninos e meninas no primeiro ano do Ensino Fundamental como sendo o grande vilão desta trama consagrada. Mas, neste momento questiono, também, a formação destas professoras que recebem estes novos atores. Afinal o que estas professoras entendem por Arte? Arte é apenas a técnica de reprodução, de copiar, ampliar desenhos e pintar? É preciso suscitar o desejo de busca, despertar a curiosidade, abrir novos canais de interlocução (LEITE e OSTETTO, 2004).

Em algumas experiências de formação universitária observou-se que os desenhos estereotipados (aqueles já observados nas crianças de seis anos no primeiro ano do Ensino Fundamental) se faziam presentes, bem como as falas “Mas não tem um para copiar?”, “Não, não, está feio, não sei desenhar!”. A estas professoras deve ser dado a possibilidade e a oportunidade de buscar o brilho das crianças pequenas, reinventando, ampliando, reconstruindo seu fazer educativo. A inquietação, desconstrução, desestabilização, desacomodação, o rompimento, o estranhamento precisam ser elucidados a fim de produzir, compor, inventar e criar. É preciso viver, experimentar e dialogar com a Arte. É a educação do Educador. Ao refletirmos sobre a contribuição da arte na formação de professores, estamos, de alguma forma, dialogando com concepções e práticas (LEITE e OSTETTO, 2004). Elas afirmam ainda que:

Sensibilizar o movimento, o olhar e a escuta do professor contribuirá, sobretudo, para torná-lo um sujeito mais averto e plural, mais atento ao outro; ampliará seu repertório e, conseqüentemente, seu acervo para criação – uma vez que só se cria a partir da combinação de elementos diversos que se tenha-, tornando sua prática mais significativa, autoral e criativa. (LEITE e OSTETTO, 2004)

Eu acrescento que só diante da vivência e da experiência com desejos e trabalho é possível que a leitura de mundo pelas linguagens artísticas se façam significativas e impregnadas de sentidos.

Entretanto, sabe-se que a formação de professoras e professores de ensino infantil e fundamental tem sido falha, não contemplando as vivências e experiências com as diferentes manifestações artísticas. Segundo Pires (2006) as professoras/es de crianças pequenas são formadas para dar aulas e não para ouvir e observar crianças. Na formação das professoras, é recomendado que elas vivenciem a observação e a escuta, que cultivem seus olhares para diferentes manifestações, contudo sua formação não permite um olhar e um ouvido voltados para a pequena infância, nem para as expressões infantis (PIRES, 2006).

De fato a profissão “professor de crianças pequenas” ainda está sendo construída, inventada e inovada nos dias atuais, há um empenho em construir uma relação com as crianças e compreender suas linguagens, por outro lado sua formação revela-se ineficiente, especialmente quanto à forma de inserir a arte em seu trabalho sem dar aula (PIRES, 2006).

Felizmente, no meio do caminho encontrei e vislumbrei na professora de Artes, Silvia, uma justificativa para admitir a arte como fundamento na formação de professores de ensino infantil e fundamental. Graduada em Artes Plásticas, esta professora encanta e maravilha a mim e seus alunos nos míseros 45 minutos semanais de aula de arte.

A aula de Arte ministrada pela professora Silvia (cito nome com consentimento da professora) é permeada por descobertas, experiências, pensamentos e sentimentos que encantam. A maneira como cada assunto, tema, autor é discutido e trabalhado instiga os alunos e os encaminha a um novo universo. Um universo onde a imaginação e a criatividade sobressaem-se. Um universo onde as manifestações artísticas são permitidas e provocadas. São estes momentos impregnados de sentidos para meninos e meninas e professora?

Em geral, os alunos estavam muito agitados e falantes, logo a professora Silvia sempre preparava algo anterior ao fazer artístico para que assim as crianças acalmassem-se. Uma história, uma conversa, um debate, estas eram as maneiras com as quais as crianças interagiam com o tema abordado e assim diminuía a intensidade dos seus atos. Sim elas continuavam a falar com as mãos e a ouvir com as bocas... Contudo, sua voz estava destinada as Artes, e, principalmente, era escutada pelo que falava e pensava. A professora instigava e questionava os alunos, as crianças a todo momento, e suas respostas...eram as mais inusitadas possíveis. Os quadrados e triângulos de Volpi se tornavam bandeirinhas no olhar e na fala das crianças. O suposto camelo de Picasso ganhava nomes como Jack e Daniel. A técnica Frotage surpreende e encanta os alunos, neste dia um aluno que admira o aparecimento da folha (esta foi colocada atrás da folha sulfite e na frente a professora passou giz de cera) pergunta “É por isso que te chamam de professora de Artes?”. Enfim, não é a técnica, o camelo, o quadrado e o triângulo que surpreende e encanta, mas sim as possibilidades que são demonstradas, as descobertas que são feitas, as experiências vivenciadas. É educação impregnada de sentidos. A professora era cúmplice da criança em seu processo de criação, imaginar era permitido e tinha valor, as crianças nunca eram privadas do que queriam fazer e como fariam. As interferências eram feitas mediante o diálogo, a cumplicidade e o fazer junto. Professora e crianças juntas no fazer artístico, distante de uma perspectiva adultocentrada que há tanto compreendem praticas pedagógicas em diversas unidades escolares, nas quais a presença da professora implica a única referencia a ser considerada.

Exploração e criação, estímulo e descoberta, imaginação e sensações, sentimentos, cheiros... ouvir, ver, tocar... Arte! São 45 minutos onde a criança pode manifestar-se artisticamente sem sofrer repressões ou privações, são 45 minutos que a criança pode expressar-se sem que para isso utilize a linguagem escrita, são 45 minutos onde suas criações são reconhecidas...Sim apenas 45 minutos, para talvez serem novamente crianças livres, ricas, criativas, inventivas....simplesmente crianças! Este direito preservado de ser criança, esta voz ouvida, é fruto da sensibilidade com a qual a professora Silvia se mostra atenta. Afinal, esta professora teria alcançado seu brilho em sua formação? Seria ela a fada-madrinha das crianças?

Vivemos num lugar onde brilham estrelas, só que essas estrelas não veem o seu brilho. Elas buscam o brilho fora de si, não acreditando que são capazes. Por isso, sentem-se menores. Ainda precisam de uma fada-madrinha que as encoraje a simplesmente serem o que são! Ser e brilhar, como as crianças, sem medo, sem vergonha nem preconceito. Sorrir um sorriso aberto, franco,

verdadeiro. Sentir o cheiro, o gosto da vida. E ver, conseguir ver, o seu próprio brilho. Buscamos fora de nós o brilho que foi ofuscado pelo tempo, pela rotina, pela razão, mas que continua ali. É preciso ir atrás dele.” (Palavras escritas por duas professoras que participaram do projeto “As linguagens na educação infantil: Saberes e fazeres de educadores.”)

Recorro a esta citação para ilustrar que algumas professoras sentem-se ofuscadas, sem luz, sem brilho. Sinto como se fosse um círculo vicioso. Quando crianças em idade escolar as crianças devem aprender a ler e escrever ao invés de desenhar, dançar, fazer teatro... Algum tempo depois, a fala “Eu não sei fazer!” se faz recorrente. Quando adultos e frente a esta oportunidade de mostrar seu brilho sentem-se desencorajados, com vergonha. Querem ser inventivos e criativos como quando eram crianças.

Entendo que diante da Arte na Educação Infantil ou no Ensino Fundamental, está o professor(a) de Artes, que atua conjuntamente ou coletivamente com os demais educadores da escola. A função desse profissional, da professora de Artes, não seria simplesmente a de “ministrar aulas” fragmentadas de arte, mas sobretudo de organizar um espaço de cultura que possibilite a ampliação das expressões e das linguagens da criança. Um espaço onde a criança possa criar, imaginar, inventar. Um espaço que também seja questionado e repensado, pela professora de Artes e por toda a equipe escolar. Uma vez que a Arte não precisa estar enjaulada somente nos 45 minutos semanais destinados a mesma, mas sim estar presente no cotidiano de crianças e professores (as). Todos juntos, impregnando de sentidos o fazer artístico.

#### **4.4 “É por isso que te chama de Professora de Artes?”**

Foram várias horas acompanhando o cotidiano escolar da professora de Artes, Silvia. Horas estas iniciadas durante a observação de campo da primeira iniciação científica. Foram vivências e momentos gostosos e de muitas surpresas, tanto para mim como também para seus “alunos” (entendendo que o Ensino Fundamental modela, treina e disciplina os corpos de maneira a transformar crianças em alunos).

Em uma primeira conversa com a professora Silvia, esta me falou do cansaço que sente após tantos anos dando aulas e que pela rotina maçante que o sistema impõe, suas

energias para o dia a dia escolar estavam se esgotando. O que se observa é que as práticas docentes e a correria escolar acabam tirando a capacidade de inventividade e criação que deveriam constituir o trabalho do professor.

Contudo, há certas escapatórias encontradas que permitem a imaginação, satisfação e prazer. A professora me contou do seu projeto de teatro junto aos seus alunos. Notei que este projeto é sua válvula de respiração e escape, sinto que é prazeroso para ela dirigir e coordenar a peça. Mesmo não sendo formada em Teatro ela pesquisa, busca, procura, estuda lê sobre o assunto. Se o cotidiano corrido, cansativo e maçante sufoca sua inventividade, é neste momento que ela retorna, uma vez que não pode ser calada ou silenciada. O grupo de teatro permite a professora projetar, sonhar e buscar a capacidade humana por vezes esquecida, roubada de todos nós e à qual escapamos.

Como já mencionado as observações de campo não se iniciaram somente diante da pesquisa (É por isso que te chamam de professora de Artes?), mas já na pesquisa “E agora, as crianças desenham?” suas práticas me chamaram a atenção. A seguir pontuarei alguns momentos que considero importante na composição da análise das práticas da professora de Artes, Silvia. Também, farei alguns comentários ou problematizações que foram surgindo ao longo dos dias de observação.

- A professora Silvia entra em uma sala do 1º ano do Ensino Fundamental e fala um pouco sobre o artista Picasso. Ela conta quem era o artista, o que fazia, de onde vinha... Depois disso a professora pergunta se é possível, se tem como fazer um desenho como uma única linha, sem tirar o lápis do papel. As crianças respondem que sim, mas com aquele ponto de interrogação visível. Então a professora mostrou uma obra do Picasso. Obra esta que as crianças sugeriram ser um camelo desenhado. As crianças escolheram nomes para o camelo (Jack/Daniel/Lili). E lá foram elas desenhar animais com uma única linha. Duas crianças tentaram imitar e copiar o desenho do Picasso. Depois de desenhado elas colaram barbante em cima do traçado. Um aluno dirige-se até a professora Silvia e diz “Prô eu estou fazendo tudo errado”. Eis que a professora questiona o que é certo, o que é errado, alertando-o que na Arte não existe certo e errado, não há um modelo, o que importa é experimentar, tentar!

- A professora Silvia entra em uma sala do 1º ano do Ensino Fundamental vestida de Sr. Antonio (aquele que conheceu, que era amigo de Volpi). O Sr. Antonio veio de Luca ao Brasil, ficou 3 meses no navio até chegar aqui. Trabalhou muito como pedreiro e conhecia bastante do seu amigo Volpi. Ele conta para as crianças que Volpi fazia suas

próprias tintas (clara de ovo + pó colorido + óleo de cravo); Volpi pintava formas geométricas (A professora pergunta “Vocês conhecem formas geométricas?” As crianças vão falando as formas geométricas que conhecem: “Losango, quadrado, círculo”); Volpi gostava de pintar casas (A professora mostra uma das obras de Volpi); Volpi gostava muito de pintar quadrados e triângulos (A professora mostra uma das obras de Volpi, as crianças dizem que eram bandeirinhas e a professora diz que Volpi afirmava que aquilo eram quadrados com triângulos). Uma criança pergunta “Como ele ficou tão bom?”. Silvia responde “Ele pinta com o coração e com a alma! E ele pratica muito e se esforça muito”. Uma criança cujo nome é Cauã levanta a mão e diz “Eu faço um monte de desenhos, eu faço um monte de desenhos com tinta!” eis que ele se levante e vai mostrar seus desenhos para o Sr. Antonio. Vale mencionar que as crianças ficam o tempo todo inquietas, uma vez que desconfiam que o Sr. Antonio na verdade é a professora de Artes, Silvia. Algumas afirmam “Esse Sr. Antonio é a nossa professora”. “Olha só o Sr. Antonio pintou a unha.” “Para ser homem precisa ser careca.” “A roupa de baixo é igual”. O Sr. Antonio se despede das crianças e sai da sala de aula. Eis que professora Silvia retorna e pergunta como foi a conversa deles com o Sr. Antonio. A atividade proposta depois da conversa com o Sr. Antonio era de pintar as formas geométricas (de uma folha xerocada), recortar e criar o que quiser. Algumas crianças começam por contornar e depois a preencher/pintar as formas geométricas. A professora mostra as crianças outras possibilidades de como pintar os quadrados mais escuros “Vamos descobrir as cores, os efeitos no preto e no branco?” Esta sugestão é feita diante do olhar atento que observa que as crianças começam a pintar os quadrados mais claros. É interessante esta provocação da professora para que as crianças experimentem o diferente. Realmente as crianças começam a pintar os quadrados brancos primeiros ao invés dos cinzas ou até pretos. (Por que?). Antes de iniciar o processo de composição e colagem das formas geométricas a professora sugere que eles montem, brinquem um pouco com as formas geométricas. Mesmo após o término da aula de arte as crianças ainda continuam a fazer a atividade.

- Nesta aula os alunos do 1º ano do Ensino Fundamental entram na sala de aula, deixam o material e foram a quadra da escola pegar folhas secas. Eles pegaram folhas de todos os tamanhos e formas. Depois a professora e as crianças selecionam as melhores folhas para fazer a atividade, utilizando a técnica Frottage. As crianças gostam de falar o nome e a professora diz que para falar tem que fazer um biquinho!. A professora Silvia pega uma folha seca e uma folha de sulfite e demonstra a técnica Frottage (passando o giz de cera). Todos

ficam admirados. As crianças gostam muito desta atividade. Alguns dizem que não sabem fazer, então a professora sugere, pede para que eles experimentem outras cores e jeitos de usar a folha. Depois todos usam as folhas para fazerem delas carimbos utilizando as tintas nas cores azul, vermelho e amarelo. As crianças mesmo passavam as tintas nas folhas, se sujavam. Muitas outras cores surgiram.

- Com os alunos do 1º ano do Ensino Fundamental a professora pega um isopor (destes utilizados como embalagem) e mostra o que eles farão naquela aula, dizendo que é um tipo de xilogravura. Ela pega o isopor e desenha uma folha, fazendo uns pontinhos ao redor da mesma. Depois passa tinta com um rolinho, coloca o isopor na lousa e uma folha de sulfite sobre o isopor, feito isto começa a puxar a folha de sulfite, neste momento podemos ver que o desenho da folha começa a surgir, os olhinhos das crianças começam a ficar maiores e mais curiosos, eis que a professora estende a folha sulfite novamente e diz que o desenho de cada um é uma surpresa, “Vamos ver o que vocês criarão!”. Para que a atividade fosse mais rápida eu e a Silvia passávamos a tinta no isopor de cada criança Este procedimento priva a criança da sujeira, da experimentação com suas próprias mãos, contudo para dar tempo de realizar a atividade esta é a única maneira encontrada na condução da mesma.

- A professora Silvia entra na sala dos alunos do 1º ano do Ensino Fundamental e distribui uma folha sulfite e um tubo de cola. Dizendo “Com a cola você vai desenhar o que você quiser, uma coisa só e bem grande”. Depois de seco, vocês sentirão o relevo que se formou, experimentem com os olhos fechados que é muito legal. Ela pergunta se eles sabem o que é relevo, uma criança levanta a mão e diz “É aquele negócio de geografia!”. A professora explica que relevo é aquilo que sobressai a superfície, uma saliência, também encontrada na geografia. Então, as crianças saem pela sala procurando estas tais saliências.

- Com alunos do 1º ano do Ensino Fundamental a professora pede para que os alunos façam um desenho com a cola, um só desenho bem grande. Depois de desenhados as crianças jogam areia colorida em cima do traçado de cola. Nunca se sabe o que irá sair de fato, eles adoram e maravilham-se quando jogam a areia em cima da cola, quando veem seus desenhos ficam surpresos.

O cotidiano da professora Silvia é bem corrido. Os relatos a seguir são das aulas de sextas-feiras. Ao todo são seis aulas neste dia com um pequeno intervalo de 20 minutos.

As aulas são para alunos do 1º, 2º, 7º e 8º anos do Ensino Fundamental. Apesar de ter observado as aulas da professora em diferentes níveis do Ensino Fundamental, apresento-lhes apenas os relatos das aulas do 1º e 2º ano do Ensino Fundamental. As sextas são permeadas pela correria, de uma sala para outra, com diferentes materiais. São caixas, tintas, folhas, pincéis, canetinhas. A carga horária estafante e cansativa não se reflete na dedicação da professora. Esta ainda encontra forças para inventar, criar e projetar aulas e experiências artísticas prazerosas e significativas. Vale mencionar que há a necessidade urgente de carga horária maior para as crianças e professora de artes, o que vai de encontro a já cheia grade horária da professora de Arte, Silvia.

- Com alunos do 2º ano a professora diz que o tema daquela aula é Jardim. E pergunta “O que a gente pode fazer com esse tema?”. As crianças respondem “Folha, Menino no jardim, Árvore, Pássaros, Flores”. “Então com essas ideias vamos desenhar no isopor” (Silvia). Uma criança pergunta “Tem que ser de pé?” (a posição do isopor). A professora começa a demonstrar e fazer um desenho no isopor. As crianças dizem “Ahh eu já sei o que é! É uma fogueira!”. A professora Silvia ri e diz que é uma folha. (Olha para mim e diz “Viu quem disse que eu sei desenhar”). Uma criança pergunta “Eu posso copiar?” A professora sugere que é muito mais legal se cada um fizer o que quiser, o que imaginam que tem no jardim. Depois dos desenhos prontos eu e a Silvia damos a tinta e o rolinho para que as crianças mexam com estes materiais. Elas passam a tinta no isopor e colocam a folha sulfite por cima, quando puxam a folha ficam surpresos com seus desenhos. A professora mostra algumas possibilidades como: fazer pontinhos no desenhos, ou alguns tracinhos.

- Com alunos do 1º ano do Ensino Fundamental. A professora Silvia demonstra o que eles farão naquela aula. Ela pega um pedaço de papel colorido e recorta-o com os dedos. Ela recorta uma flor. Uma criança diz “Parece um menino”. Quando a professora recorta um caule e coloca embaixo da flor. A criança diz “Agora sim é uma flor de verdade”. A proposta é que com os dedos se recortem os papéis, o tema: Jardim. Primeiro vocês precisam desenhar na imaginação e recortar com as pontas dos dedos (Silvia). A professora Silvia diz que está evitando as cores verdes e marrom, se não o verde é a folha e o marrom o tronco ou o caule, sempre. Logo ela distribui papéis amarelos, azuis, vermelhos, laranjas. A professora Silvia sempre diz “Experimente, coragem, invenção...” São as possibilidades de

descobertas diante do fazer Arte. A professora diz para as crianças que colar é a última parte do trabalho, “Vejam o que/ como gostam da disposição dos recortes, mexam, olhem, gostem, sem medo! Quando a gente recorta a gente desenha.” (Silvia)

- Com alunos do 2º ano. A professora Silvia pergunta quem já desenhou em um papel bem grande? Com canetões (daqueles de escrever em caixas ou em lousas brancas) e canetinhas a proposta é fazer um desenho das crianças com seus brinquedos (visto que a sexta é o dia do brinquedo as crianças estão sempre eufóricas querendo brincar com os mesmos). A professora Silvia diz que a única coisa que não pode é desenho pequeno. Ela sugere que eles podem contar uma história, qual história o seu carrinho tem para contar? Ela mostra e diz que com canetinha e canetão dá para misturar cores, pintando com canetão e fazendo pontinhos com canetinha as cores se misturam. O que vocês podem inventar? Vocês podem desenhar direto com canetinha (Visto que algumas crianças desenhavam com lápis primeiro para depois contornar com canetinha – Pintar com canetinha também lhes parece meio proibido). A professora observa que para alguns o desenho de fato vira brinquedo (uma criança fez uma pista com arquibancada e pódio para os vencedores da corrida de carrinhos).

- 1º ano do Ensino Fundamental... A professora Silvia entra e diz “Essa história do zoológico não me sai da cabeça” (Os alunos foram ao zoológico na semana anterior) Então que tal desenharmos um mapa dos caminhos do Zoológico? Quem já desenhou em uma folha bem grande? Hoje o desenho vai sair do papel! A professora mostra como o desenho irá sair do papel. Uma criança pergunta “E como vamos fazer para dobrar o papel e guardar e levar para casa?”. Silvia, “A gente coloca pra dormir dobrando eles assim!” A professora Silvia vem a mim e pede para que eu observe que TODAS as crianças utilizam a folha deitada, sempre. Ela começa a perguntar para as crianças “Que cor era o chão, que cor era a grama?”. Os animais eram recortados ou com os dedos ou com a tesoura. A professora Silvia diz “Só que hoje eles terão que parar de pé, como vocês vão se virar para fazer isso?” Ela me explica que se trata de desenho rebatido.

Diante destes relatos de experiências vivenciadas durante a observação de campo, afirmo que esta professora tem um olhar e uma escuta atenta às manifestações artísticas das crianças pequenas. Ela é mediadora e cúmplice na criação e fruição. Ela oferece oportunidades, elenca e aponta possibilidades, encoraja o fazer artístico, permite a imaginação

e criação. Durante os poucos minutos semanais destinados a disciplina, Arte, as crianças têm suas manifestações artísticas asseguradas e respeitadas. Teatro, desenho, canto, pintura e escultura, são linguagens e práticas pedagógicas que aproximam as crianças de diferentes manifestações artísticas, como fruidoras e criadoras. Observar crianças e uma professora que busca, vive e experimenta a Arte enquanto produtores e autores das suas expressões artísticas nos mostram um corpo transitando pelas diversas linguagens. São as expressões artísticas esparramando-se no dia-a-dia de adultos e crianças de forma a provocar estranhamentos, de curiosar o mundo.

Vale lembrar que a professora Silvia está sempre elencando e problematizando seu cotidiano, bem como nota-se que esta observa e reflete sobre suas práticas. Questiona o porquê da cor preta parecer uma cor proibida; por que parece que o desenho foi deixado de lado/esquecido frente a outras técnicas; o desenho que vira brinquedo; o condicionamento que dita que a folha é sempre verde e o tronco que é sempre marrom; professor que não sabe passar a teoria para a prática; o que é bonito o que é feio; o pouco tempo de aula que fragmenta o trabalho artístico.

Mesmo diante das barreiras impostas (falta de uma sala de aula específica para a aula de Arte, a fragmentação, o pouco tempo da aula de arte, o cansaço e a correria diária) a professora Silvia, busca oferecer experiências artísticas significativas e únicas. Fazer, padecer e apreciar são momentos e sentimentos observados durante as experiências propostas.

Pensar a formação desta professora de Arte é admitir que a Arte deve constituir e estar presente na formação da professora de ensino infantil e fundamental. Entendo que diante das experiências artísticas o olhar atenta-se, a escuta se aguça, os sentidos se abrem para as provocações e estranhamentos. O corpo pulsante da professora jamais silenciaria mãos, olhos e gestos das crianças pequenas. Permitindo assim, a maravilha, o deslumbramento, a oportunidade de experimentar Arte.

É a capacidade de maravilhar-se. Trata-se da “maravilha e ao acordar as percepções”. Condição Indispensável. “A maravilha não se encontra só na capacidade de ser maravilhado de qualquer coisa”. A maravilha é a capacidade que algumas pessoas têm de maravilhar-se. É valorizar universo infantil que é inevitável e ricamente diverso do universo adulto. No deslumbramento proposto, trata-se de reconhecer nestes mundos das crianças, as regras e as normas próprias para suas relações, suas criações, que ao serem reconhecidas, podem colaborar para o desenvolvimento de

uma interculturalidade entre adultos e crianças. (STACCIOLI, 2002 *apud* GOBBI, 2007, p46-47)

O maravilhamento das crianças pôde ser percebido nos seus olhos brilhantes e ansiosos, na sua surpresa, na sua pergunta “É por isso que te chamam de professora de Artes?”.

#### **4.5. Que cor era o chão? Que cor era a grama?**

Segundo Zoccatelli (2003 *apud* PIRES, 2006) o papel das professoras é

o de saber oferecer instrumentos para organizar a mente das crianças, usar palavras que expressem significados e emoções, oferecer contextos adequados para favorecer as atividades de exploração, de comunicação e de jogo. A professora é convidada a criar um contexto propício em que as curiosidades e as pesquisas das pequeninhas e dos pequeninhos possam ser efetivadas, legitimadas e escutadas. Um lugar onde possam ficar à vontade com o percurso de crescimento e conhecimento. (ZOCATELLI, 2003 *apud* PIRES, 2006, p.62)

É a professora que participa como parceira, mediadora das linguagens artísticas e das crianças pequenas. Aquela que está atenta e cultiva diferentes olhares para compreender diferentes estéticas. Aquela cujo olhar está desnaturalizado e pronto para provocar estranhamentos e curiosar o mundo de forma a conduzir e possibilitar a imaginação e criação.

Criando e recriando, inventando moda, a professora de crianças pequenas desenvolve um percurso autoral na construção da sua prática docente. Prática esta que deve estar permeada por escutas e olhares atentos, de modo a possibilitar uma reflexão sobre a experiência.

A bagagem essencial do professor é seu repertório profissional que é adquirido pela prática. Porém, não é a prática por si só que é formadora, ela deve ser acompanhada da reflexão sobre a experiência, pois é a reflexão que é formadora e não a experiência por si só ” (NÓVOA, 2004)

Staccioli (2011) afirma que as crianças não são criativas. Apesar de expressivos, o trabalho da criança já está condicionado/ influenciado pelo social. Para se tornar criativo deve-se libertar da “crosta” que o social conduz desde que nascemos. Visto que, desde o nascimento os bebês aprendem rápido que nós queremos que eles nos mostrem o mundo como nós (adultos) vemos! As crianças precisam ser ajudadas a se libertarem. E são os professores e professoras que libertam as amarras dos condicionamentos sociais, são eles que libertam a criatividade e capacidade inventiva das crianças pequenas. A criatividade implica pesquisa/ investimento e o que a criança tem são expressões, uma vez que elas já estão contaminadas com os ícones desde que nascem (criatividade não brota!). O educador é quem ajuda nesta pesquisa.

Segundo Gobbi (2010),

Trabalhando em estado de cumplicidade construída a cada gesto ou propostas feitos por ambas as partes – professores(as) e crianças – temos a criação de jornadas a serem trilhadas conjuntamente buscando a sensibilidade, a criação e a fantasia. (GOBBI, 2010, p.3)

São professores (as) sendo vento! Vento, parceiros, cúmplices e mediadores entre a Arte e as crianças. É um caminho ainda pouco trilhado, contudo muito vislumbrado e desejado. É a busca pelas cem linguagens, a muito caladas e silenciadas no interior das escolas. Mas que graças a bons exemplos de docência ainda permeiam o cotidiano escolar de diversas crianças.

## CAPÍTULO 5

### Considerações Finais

*“Só poderemos nos encontrar se ousarmos nos perder”*

WALTER BENJAMIN

Escrever este trabalho é uma forma de imaginar e vislumbrar possíveis caminhos para a formação dos professores(as), uma formação que não se esqueça das particularidades, especificidades e direitos das crianças pequenas. Imaginar é uma forma de entender, aprender, pesquisar, portanto o que ora lhes apresento são considerações provisórias.

Diante de tantos questionamentos oriundos da primeira iniciação científica, “E agora, as crianças desenham?”, senti-me convidada a lançar-me mais uma vez aos desafios da pesquisa científica. Agora, para estudar, analisar, compreender e pensar a formação da professora de Artes, Silvia. Buscando nela subsídios para admitir as Artes como fundamento na formação das professoras(es) de crianças pequenas.

Entendo que a arte permite imaginar, criar, inventar, estranhar, curiosar o mundo. A arte possibilita experimentar e sentir o corpo se movimentando, desenhando, pulsando. A experiência artística é isso! É descobrir, explorar, provocar-se, olhar, fazer, padecer, sentir, apreciar. Com o propósito de provocar a pesquisa de meninos e meninas, professores (as) e a arte enriquecem suas práticas junto às crianças. Juntos, professores e crianças trilham um caminho de buscas, vivências e experimentações enquanto produtores e autores das suas expressões artísticas, nos mostrando um corpo transitando pelas diversas linguagens.

Mesmo diante de impasses do cotidiano escolar e a Arte, como: a ânsia pela normatização, o pouco tempo destinado à disciplina Arte, a marginalização da arte no cotidiano escolar e a valorização de uma linguagem em detrimento da outra; a Arte ainda sobrevive e encontra escapatórias nas práticas pedagógicas da professora Silvia. Esta professora busca na sua inventividade e criatividade proporcionar experiências e vivências artísticas, oferecer, apresentar e mostrar possibilidades, incentivar a exploração, a criatividade

e exploração, enfim mostra-se como mediadora e cúmplice no fazer artístico. Durante os poucos minutos semanais destinados a disciplina as crianças têm suas manifestações artísticas asseguradas e respeitadas. São as diferentes linguagens e práticas pedagógicas que aproximam as crianças de diferentes manifestações artísticas, como fruidoras e criadoras. É a capacidade de inventividade e criação que permite a professora projetar, sonhar, buscar a capacidade humana por vezes esquecida, roubada de todos nós e à qual escapamos. Basta estar atento e aguçar os sentidos que o universo rico de invenções e muita imaginação reclama por ser descoberto, compreendido. O invisível não pode ser enxergado, mas pode se mostrar diante de práticas e exercícios de ver com outros olhos.

Que a surpresa e o inesperado esparrame-se pelo cotidiano de meninos e meninas, para que eu possa ver muito olhinhos brilhando. Que professores (as) desnaturalizem seu olhar e estranhem o objeto. Deseja-se ver mais, maravilhar mais! Ser vento com quem fala a grama verde. Anseia-se que em parceria com as crianças, professores (as) possam construir olhares plurais para aquilo que constroem e fazem, suas fotografias, dramatizações, desenhos, pinturas, choros, risos.

Entende-se que é o professor que deve libertar as amarras dos condicionamentos sociais, é papel dele também propor e criar espaços no cotidiano em que as manifestações infantis estejam presentes sendo compreendidas em sua inteireza, não se deixando conduzir apenas pela linguagem verbal ou escrita desconsiderando demais formas expressivas (GOBBI, 2010). É o corpo reclamando por sua voz que foi silenciada, um corpo que deseja pulsar, mostrar-se, apresentar.

## CAPÍTULO 6

## Referências Bibliográficas

ALVES, Bruna Pereira. **Infância e Descoberta: conhecendo a linguagem da arte, indo de encontro aos estereótipos**. Disponível em: <[http://www.artenaescola.org.br/pesquise\\_artigos\\_texto.php?id\\_m=87](http://www.artenaescola.org.br/pesquise_artigos_texto.php?id_m=87)>. Acessado em: 01/09/2010.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte-Educação no Brasil: das origens ao modernismo**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

\_\_\_\_\_. **Recortes e colagens: influência de John Dewey no ensino da arte no Brasil**. São Paulo: Autores Associados, 1982.

\_\_\_\_\_. **Arte-Educação: Conflitos/Acertos**. São Paulo: Max Limonad, 1985.

\_\_\_\_\_. **John Dewey e o ensino de Arte no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2001.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira Barbosa. **Por amor e por força: Rotinas da Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BRASIL, Conselho Nacional de Educação. Resolução CEB 5/2009. Diário Oficial da União, Brasília, 09 de dezembro de 2009.

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: Introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1997. P. 10.

BRITO, Teca Alencar. **Música na Educação Infantil: propostas para a formação integral da criança**. São Paulo: Peirópolis, 2003.

CARNEIRO NETO, Dib. **Um círculo vicioso. Os dez pecados**. In: *Pecinha é a vovozinha!*. São Paulo: DBA Artes Gráficas, 2003, p. 6-19

DERDYCK, Edith. **Formas de pensar o desenho: Série Pensamento**. São Paulo: Scipione. 1989.

DEWEY, John. **A Arte como Experiência**. IN: Os Pensadores. São Paulo. 1974. p. 247-263.

DUARTE JR, João Francisco . **Fundamentos estéticos da educação**. Campinas: Papirus, 1988.

FISCHER, Ernst. **A necessidade da arte**. Trad. Leandro Konder, 9 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 2002.

GOBBI, Márcia e LEITE, Maria Isabel. **O desenho da criança pequena: distintas abordagens na produção acadêmica em diálogos com a educação**. Disponível em: <<http://www.ced.ufsc.br/~nee0a6/LEITE.pdf>>. Acessado em: 04/09/2011.

GOBBI, Márcia. **Múltiplas linguagens de meninos e meninas no cotidiano da Educação Infantil**. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=15860&Itemid=1096](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=15860&Itemid=1096)>. Acessado em: 11/01/2011.

GOBBI, Márcia. **Ver com olhos livres: arte e educação na primeira infância**. IN: FARIA, Ana Lúcia Goulart (org.). O coletivo infantil em creches e pré-escolas. São Paulo: Editora Cortez, 2007, p.29-54.

GOBBI, Márcia Aparecida. **Desenho Infantil e Oralidade: Instrumentos para pesquisas com crianças pequenas**. In: DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri, FARIA, Ana Lúcia e PRADO, Patrícia Dias (org.). Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças. São Paulo: Autores Associados, 2002.

**La creacione di mondi possibili**. Incontri con il prof. Juan Mata sull'etica e la poetica per l'infanzia. Edição nº 4. Bologna. 2008

LDB : Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional : lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. – 5. ed. – Brasília : Câmara dos Deputados, Coordenação Edições Câmara, 2010. P. 25

LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional : lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. – 5. ed. – Brasília : Câmara dos Deputados, Coordenação Edições Câmara, 2010. P. 26.

MARQUES, Isabel. **Dançando na Escola**. São Paulo: Cortez, 2003.

\_\_\_\_\_ **Linguagem da Dança: Arte e ensino**. São Paulo: Digitexto, 2010.

\_\_\_\_\_ **A Dança e o Corpo na Sociedade Atual.** In ONG: *a arte ampliando possibilidades* (pp. 21-26). São Paulo: CENPEC, 2000.

\_\_\_\_\_ **Urbanidade, Diversidade e Arte: viver e educar na cidade de São Paulo.** Revista Democratização. Coordenadoria de Educação da Lapa. SP: SME – CELapa, 2004.

\_\_\_\_\_ **Corpo e Dança na Educação Infantil.** In: CADERNO TEMÁTICO DE FORMAÇÃO II - Educação Infantil. Construindo a Pedagogia da Infância no Município de São Paulo. Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. São Paulo: SME DOT/ATP/DOT, 2004.

MOREIRA, Ana Angélica. **O espaço do desenho: a educação do educador.** São Paulo: Edições Loyola.

OSTETTO, Luciana Esmeralda e LEITE, Maria Isabel. **Arte, infância e formação de professores: autorias e transgressão.** Campinas: Papirus, 2004.

PIRES, Maria Cristina de C. **Que música é essa?** In: *O som como linguagem e manifestação da pequena infância: Música? Percussão? Barulho? Ruído?* Dissertação de mestrado. FE-UNICAMP, 2006, p. 53-80

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO. Disponível em: <[http://www.miniweb.com.br/Artes/artigos/5550\\_3.pdf](http://www.miniweb.com.br/Artes/artigos/5550_3.pdf)>. Acessado em: 15/05/2011.

SOARES, Natália Fernandes. **A investigação participativa no grupo social da infância.** Currículos sem Fronteiras, v.6, n.1, p.25-40. Jan/Jun 2006.

SORMANI, Nora Lia. **Em busca de uma caracterização do teatro para as crianças.** In: O teatro para crianças. Do texto ao palco. Rosário-Argentina: Homo Sapiens, 2004. Trad. Sandra Vargas e Luiz André Cherubini. Capítulo 2.

STACCIOLI, Giranfranco. **Libertá va cercando... un bambino che disegna.** IN: SCUOLA DELL' INFANZIA, Edição nº 10. Firenze: Giunti Scuola, 2011.

VIANNA, Maria Leticia Rauen. **Desenhos estereotipados: um mal necessário ou é necessário acabar com este mal?.** Disponível em <[http://www.artenaescola.org.br/pesquise\\_artigos.php](http://www.artenaescola.org.br/pesquise_artigos.php)>. Acessado em: 01/09/2010.